

ASTRÉA



ORDO AB CHAO



DEUS MEUMQUE JUS

ORGÃO OFFICIAL DO SUPREMO CONSELHO DO BRASIL

ANNO IV - Ns. 10 e 11

Outubro e Novembro 1930

SUMMARIO

Esperemos—Questionario—Noti-
ciario—A Maçonaria nos Exer-
citos—Os Mystérios Antigos e a
Maçonaria Moderna—A In-
fallibilidade do Papa, (conclusão)



"ASTRÉA"

Esta Revista, de character exclusivamente maçonico, será publicada mensalmente.

E' *Orgão Official* do Sob.°, Sup.°, Cons.°, do Gr.º 33.º do Rit.º, Esc.º, Ant.º, e Acc.º, para os Estados Unidos do Brasil.

Além da materia propriamente official publicará esta Revista artigos abrangendo todos os assumptos maçonicos e os que á Maçonaria puderem interessar.

A collaboração é livre para todos os Ilr.º, sujeita, porém, ao criterio da direcção.

PREÇO DE ASSIGNATURA

Brasil

Anno	20\$000
Numero avulso	2\$000

Estrangeiro

Anno	30\$000
Numero avulso	3\$000
Collecção completa do 1.º, 2.º ou 3.º anno	30\$000

PEDIMOS PERMUTA — WE BEG EXCHANGE — SE RUEGA CANJE

Toda correspondencia deve ser dirigida á

Caixa Postal n. 2.486

RIO DE JANEIRO

BRASIL

ASTRÉA

REVISTA DE ESTUDOS MAÇONICOS

Orgão Official do Sob.: Sup.: Cons.: do gr.: 33º do Rit.: Esc.:
Ant.: e Acc.: para os Estados Unidos do Brasil.

ESPEREMOS

(Sobre a Maçonaria Azul)

Quando da separação havida, pela denuncia do Tratado de 1864, o Saberoano Supremo Conselho do Gr.: 33º do Rit.: Esc.: Ant.: e Acc.: para os Estados Unidos do Brasil, acompanhado não só dos Corpos de Altos Grãos como por centenas de Lojas Symbolicas, tratou de, com verdadeiro carinho e profunda orientação, revindicar a sua inteira soberania, ha muito, enfraquecida pela hybrida organização mixta — Grande Oriente e Supremo Conselho, — a sua primeira preocupação foi a de, em conformidade com as leis universaes da Maçonaria, incrementar a formação de Altos Corpos Symbolicos que melhor curassem dos destinos da Maçonaria Azul, sujeita, até então, a uma centralização mystificadora, malsã, defeituosa e despreocupada das coisas verdadeiramente maçonicas.

E porque assim procedeu, porque, libertando-se de um meio hostile ás bôas e regulares praticas maçonicas, retomou a sua soberania, poude, no memoravel Congresso de Paris, ver reafirmado o universal reconhecimento de sua legitimidade e, de viseira eriguida, sem constrangimento, compartilhar de todas as deliberações, entre as quaes acceitas foram as suas theses proclamando a soberania e a completa independencia entre a Maçonaria Symbolica e a Maçonaria Philosophica, principios que, desde os primeiros instantes de seu completo afastamento do Lavradio,

constituíram a base do seu programma de regeneração maçónica.

O seu appello encontrou bons Maçons, avidos por mais productiva utilização dos esforços dos que, em meio daquella morbida apathia, viam por terra todos os ideaes e todos os principios basicos de nossa Instituição.

Para logo surgiram, moral e materialmente fortes, Altos Corpos Symbolicos, Directores da Maçonaria Azul, nos Estados do Amazonas, Pará, Parahyba, Bahia, Estado do Rio, S. Paulo, Rio de Janeiro (Districto Federal) e Minas Geraes, aos quaes, para logo, se reuniram os do Ceará, Rio Grande do Sul e Matto Grosso, todos accordes em que, insophismavelmente, necessaria se tornava a descentralisação para a perfeita harmonia entre os interesses geraes e os locaes.

E as Grandes Lojas brasileiras, scientes e conscientes do papel importante e da immensa responsabilidade que lhes acarretava a nova organisação da Maçonaria brasileira, puzeram-se em trabalho activo de remodelação e de propaganda e, por entre as difficuldades naturaes em um meio maçónico cheio de erros, inundado de preconceitos e de absurdos, mas completamente vasio de respeito ás leis, aos principios e á moral que regem a nossa Ordem, foram, pouco a pouco, se constituindo e se consolidando até a actual estabilisação.

Implantados os verdadeiros principios das Organisações Symbolicas soberanas e independentes, era natural que essa mudança de regimen, desconhecido até então, viesse a ser difficilmente comprehendida pelos que já se haviam incrustado na massa dos desregramentos orientistas, onde o mercantilismo de grãos e honrarias intenso era, devido á falta absoluta de preparo intellectual e moral indispensavel á conquista digna e só concedida ao real merecimento maçónico.

Como se poderia *revogar o direito* de, pelo simples facto de um M. . M. . ter sido eleito Mestre de Banquetes ou Membro de uma das Commissões de uma Loja Symbolica, ser-lhe concedida, automaticamente, a investidura do grão de Cavalleiro Roza Cruz?

Como se poderia admittir que esses maçons, assim, *constitucionalmente*, elevados por *leis administrativas*, fossem privados da validade de pospôrem aos seus nomes, quando em Loja Symbolica, o numero do Alto Grão tão facilmente obtido quão ignorados eram seus mysterios e suas doutrinas?

Isso era roubar-lhes *direitos adquiridos*, mesmo porque não lhes entrava pela cabeça a *possibilidade das Lojas Symbolicas deixarem de ser governadas pelo Sup. : Cons. : a que deviam inteira obediencia* mesmo que essa obediencia fosse expontaneamente dispensada pelo proprio Supremo Conselho.

Pois, então, um illustre Irmão e Jurisconsulto não havia *sentenciado* que leis, usos, costumes, rituaes, *poeirentos archaismos maçonicos*, estavam subordinados á infallivel, á intangivel Constituição do Gr. : Or. : do Brasil, *unico landmark* a que os Maçons do Brasil deveriam obedecer?...

Ora, com taes mentalidades, justo era que, passados os primeiros instantes de um enthusiasmo mal sentido, houvesse desanimos, descrenças, porque, immediatamente após á denuncia do Tratado de 1864, todos os Altos Corpos Symbolicos do Universo *não vieram se curvar aos pés do Brasil*.

Os que sempre estiveram á frente da nossa salutar campanha têm ainda na memoria as scenas mais ou menos dramaticas e comicas que se desenrolaram no começo da nossa libertação, quando, com tolerancia inegualavel, pregavam a realidade, o valor dos principios que delimitam os campos da Maçonaria Azul e da Maçonaria Philosophica, unidas pelos ideaes communs, mas inteiramente separadas quanto á liturgia e ao regimen de suas respectivas administrações.

Si arduo e penoso foi esse primeiro trabalho, grandes, felizmente, foram os resultados colhidos, e as novas administrações, soberanas e independentes, puderam, com segurança, começar a obra da verdadeira regeneração, buscando o estabelecimento de fraternaes relações com todas as Potencias regulares no mundo existentes.

Si a implantação dos sãos principios e das normas fundamentaes da Maçonaria Symbolica foi, em nossa Patria, pontilhada de peripecias oriundas da falta de educação maçonica da grande maioria de nossos Irmãos, todos os responsaveis pelo salutar movimento bem sabiam quaes as difficuldades que iriam enfrentar quando tratassem do reconhecimento das novas Grandes Lojas brasileiras.

Não é que temessem serem julgados fóra da Maçonaria universal; não é que lhes entibiasse o fervor a certeza de que haviam commetido um *crime* deixando o seio do Gr. : Or. : do

do Brasil, que, ainda hoje, se julga com o direito de ser cegamente obedecido e seguido *por todos os maçons brasileiros inclusive os do Supremo Conselho.*

O que lhes causava uma certa impressão no entabulamento das relações era, aliás muito naturalmente, temor de não serem creditados os seus propositos maçonicos, a sua lealdade e a sua é inquebrantavel nos sagrados e immutaveis principios que alieçam as nossas Organizações Symbolicas.

Tantas e tão graves foram e têm sido as *gaffes* imperdoaveis de muitos Irmãos quando em viagem pelo estrangeiro, que os dirigentes das Grandes Lojas brasileiras sabiam que iriam ser recebidos com uma justa cautela, e porque não dizer—desconfiança—, por todos os Altos Corpos Symbolicos regulares, ciosos da observancia das Leis, Usos, Costumes e Constituições universaes de nossa Ordem.

Durante o triste periodo em que vigorou o Tratado de 1864, já por culpa do proprio Soberano Supremo Conselho, já pela ambição desregrada dos chefes do Gr. Or. do Brasil, por terra e por muitos annos, ficaram esquecidos direitos e deveres, leis e principios, regulamentos e rituaes, para só imperarem, no pavornear estulto das incompetencias maçonicas, as leis anti-maçonicas que davam vida a falsas honrarias, a mal adquiridos grãos, sem a minima preocupação de incrementarem a aquisição, rudimentar siquer, de instrucção e de educação maçonicas, base incontestante do verdadeiro valor iniciatico.

Não raras vezes, Irmãos regulares, altamente graduados, viram as portas dos Templos, onde já se esboçava o movimento de regeneração, fechadas á desejada entrada somente por que, no simples e corriqueiro trolhamento, não sabiam e nem podiam se fazer regularmente conhecidos como maçons!

Si, neste ponto, esta era a deprimente situação intra-muros, qual seria a *consideração* que aos Maçons brasileiros poderia ser dispensada por nossos Irmãos de outros paizes, onde a Maçonaria é praticada com amor, com perseverança e onde o merito real, nascido da instrucção e da educação maçonicas, entra como preponderante factor do progredir.

Deante, pois, desse passado de falsa pratica maçonica, de deturpação de todas as cousas maçonicas, absurdo seria se nutrir convicção de que todos os Altos Corpos Symbolicos regulares

da Maçonaria Universal abririam, aos nossos primeiros golpes, suas portas e, sem o minimo exame, sem estudo algum de nossa situação, corressem, alegres, para nos receberem fraternalmente.

Si tal se pensasse, seria julgal-os faceis, um conjunto de individuos avidos de encenações, de rapa-pés a todos os forasteiros e a toda e qualquer organização maçonica, incapazes, portanto, de serem tidos e havidos como conscientes de seus sacrosantos deveres de zeladores da pureza das doutrinas e dos mysterios da Maçonaria.

Como, porém, essas Organizações não são identicas ao Gr. . Or. . do Brasil, que só faz questão de numero e não de qualidade e de sinceridade, de nomes vistosos no scenario politico e não de verdadeiros iniciados, era natural que a rapidez, tão facilmente calculada pelos ingenuos, não fosse conseguida e, dahi, certo desanimo da parte dos que julgam que, em Maçonaria, se possa ter como divisa o já tão celebre *Vim, vi e venci*.

Não; isso seria um absurdo, pois seria acreditar que bastassem as nossas simples affirmativas, que fossem sufficientes os nossos desejos para o immediato reconhecimentos dos Altos Corpos Symbolicos brasileiros.

Preciso era e é que, a esse desejo, acompanhem *provas reaes*. E essas provas reaes não podem ser unicamente as escriptas em Constituições e Regulamentos, sinão quando corroboradas pela pratica constante, perfeita e consciente das tradições e dos principios escriptos e, universalmente, acceitos.

Eis, pois, o que se dá. As grandes Lojas estrangeiras, as regulares, as cuja existencia vem sendo caldeada no cadinho da pura pratica dos verdadeiros principios basicos da Maçonaria e cujos Membros sabem ser Maçons e não simplissimos *profanos de avental*, têm o direito, o dever mesmo, de syndicar sobre a nossa existencia, de aprofundar suas pesquisas sobre as nossas intenções antes de se pronunciarem pelo reconhecimento, que, em verdade, não póde ficar á vontade das facilidades e das inobservancias maçonicas tão seguidas no seio do Gr. . Or. . do Brasil.

Essas Grandes Lojas têm, portanto, o direito de não annui-rem, á primeira vista, aos nossos desejos; ellas devem, e é um ponto de honra para os dirigentes da regeneração da Maçonaria brasileira, estudar os nossos actuaes usos, costumes e praticas;

ellas devem, e disso fazemos questão, pesquisar a solidez de nossa reconstrucção, a pureza de nossos ideaes e, mais do que tudo, a sinceridade maçonica que nos alimenta na ingente e proveitosa tarefa a que nos dedicamos.

Sempre pensamos que teriamos não um, mas muitos annos, até chegarmos ao completo estabelecimento de nossas mundiaes relações de amizade, porque, nesse assumpto, a facilidade não existe, tanto que, entre outras, a Grande Loja do Chile só depois de muitos annos é que foi reconhecida pela Grande Loja de Inglaterra, embora já o fosse por muitas outras tão regulares e tão perfeitas como esta.

Assim pensamos e continuamos a pensar, porque si, de nossa parte, não devemos e nem podemos receber de braços abertos e sem rigoroso conhecimento de causa qualquer pedido de estabelecimento de relações de amizade, ás demais Grandes Lojas não podemos tirar este inilludível direito, maxime sabendo, como sabem todos, que, desgraçadamente, o mundo está cheio de corpos espurios e clandestinos como o Gr. Or. do Brasil.

Muitas e perfeitamente regulares são as Grandes Lojas que já reconhecem as Grandes Lojas brasileiras, com ellas permutando "Garantes de Amizade".

A anciedade de muitos Irmãos pelo rapido reconhecimento de nossas Grandes Lojas pelas que ainda não o fizeram, principalmente pela Grande Loja de Inglaterra, não os deve perturbar a ponto de se julgarem incapazes de actividade em nossas Grandes Lojas e desejarem fugir, vergonhosamente, ao juramento prestado e aos compromissos assumidos. A Grande Loja de Inglaterra tem, com o Gr. Or. do Brasil, um Tratado firmado em 1913, antes, portanto, de nossa separação. O Gr. Or. do Brasil, pelo Tratado de 1864 e unicamente por esse Tratado, mereceu o reconhecimento de muitas Potencias Maçonicas regulares, porque era, então, a unica Organização Maçonica que, no Brasil, mantinha uma Confederação regular com o Supremo Conselho de Montezuma.

E' natural que essas Potencias, principalmente a Grande Loja de Inglaterra, procurem conhecer nitidamente as causas da separação, os ideaes que presidem aos dois grupos, as praticas que seguem e a sinceridade que os anima, maxime quando, por comesinha defesa de seu predomínio feudal, o Gr. Or. do Bra-

sil, que ainda não se conforma de não mais governar o Soberano Supremo Conselho, deveria ter espalhado aos quatro ventos que nós, os verdadeiros Maçons, eramos os irregulares, os maus, os perversos Maçons.

Havendo, até então, mutuo reconhecimento entre o Gr. Or. do Brasil e varias Potencias regulares, forçosamente essas Grandes Lojas teriam de nos receber desconfiando dos nossos propositos e do merito de nossa orientação maçônica.

No espirito dessas collectividades, em grande parte desconhecedoras da situação exacta da Maçonaria brasileira, deveria, portanto, se fazer uma enorme interrogação ao receberem a correspondencia das Grandes Lojas brasileiras, fatalmente taxadas de espurias e de irregulares por inescrupuloso informante.

Dahi, porém, a ficarem eternamente nessa crença vae uma visível differença.

As informações, os relatorios simples, sinceros, verdadeiramente maçonicos de nossas Grandes Lojas, as constantes visitas de Irmãos incumbidos de sobre nós syndicarem, vão, pouco a pouco, abrindo os olhos aos incautos ludibriados, e, já agora, a athmosphera que nos cerca é outra; de nevôas e de duvidas que era, vae se transformando em claro e luminoso arrebol. Longe não está o dia em que, convencidas de que a razão está com as Organizações Symbolicas brasileiras que, com carinho e muito amor, praticam, á risca, um só rito regular, e não com o Gr. Or. do Brasil, um amalgama de ritos antagonicos, darão áquellas o mais sincero, o mais formal reconhecimento, inclusive a propria Grande Loja de Inglaterra, da qual, se não existem promessas nem compromissos, ha certeza de que estuda seriamente o problema e isso com bons olhos, cordial espirito e muito interesse.

E isso é fatal, pois, a declaração e a pratica de nossos principios maçonicos são identicas ás dos pregados e consagrados pela Grande Loja de Inglaterra, como já tivemos occasião de mostrar, publicando-os nesta Revista. (vide «Astréa» n.º 4 de Abril ultimo, pag. 114)

Demais, o Tratado especial que, com o Gr. Or. do Brasil, assignou a Grande Loja de Inglaterra é de molde a merecer-lhe profundo estudo para a sua revogação, afim de que não se a julgue leviana quando, impreterivelmente, tiver de denunciar

às gravíssimas faltas havidas, propositadamente, na traducção que tornou duas clausulas differentíssimas entre o original inglez e o original em portuguez, a ponto de um não ser absolutamente a expressão fiel do outro nos pontos mais importantes e de maior responsabilidade maçónica. A verdade, diz o velho rifão, sobrenada como o azeite, e, no caso em fóco, virá convencer a Grande Loja de Inglaterra com quem está a razão.

Ha rigor, mas, nunca repulsa.

È esse rigor é o que queremos; não desejamos um reconhecimento *à la diable*, por piedade nem conseguido com humilhações. O reconhecimento universal virá, como já tem vindo o de muitas Grandes Lojas regulares, nobre e maçonicamente dado.

O reconhecimento após profundo estudo, séria e criteriosa investigação, é e será para nós a melhor recompensa, porque será a prova provada de que tivemos fundadas razões de nos separarmos do Gr. Or. do Brasil, agora, anciosamente afflicto e entristecido por vêr se desmoronar, aos poucos, o seu tão lindo castello de cartas.

Reconhecimento sincero, leal, criterioso e franco e não piedade nem tolerancias injustificaveis, eis, repetimos, o que unicamente desejamos.



Continuemos, pois, a trabalhar. Continuemos perfeitos observadores das Leis e dos Principios da Maçonaria Universal, e, Maçons sinceros pelo espirito e pelas acções, banindo do coração odios e vaidades, tenhamos por pharol a Luz que se desprende das doutrinas maçónicas, com a qual illuminemos aos nossos Irmãos menos esclarecidos e aos transviados do bom caminho, para que possamos palmilhar, fortes e tranquillos, a senda que nos conduzirá a mais sincera, a eterna unificação da Maçonaria brasileira.

Dizemos *unificação da Maçonaria Brasileira* porque temos fe, e fé ardente, em que os nossos programmas—os programmas verdadeiramente maçónicos—chegarão a ser compreendidos e seguidos por todos os bons Maçons brasileiros.

Só assim, sob o influxo dessa nitida compreensão e de sua rigorosa applicação pratica é que, esperemos confiantes, se fará para todo o sempre a necessaria e feliz unificação.

TRAJANO

QUESTIONARIO

Investigador — (S. Paulo) — Quer o Ir.: saber o que realmente foi o *caso de Morgan*, nos Estados Unidos?

Em numeros anteriores de *Astréa*, já publicamos artigos a respeito; como, porém, o Ir.: deseja apenas um resumo, ahí vae:

Morgan foi um impressor, aliás desconhecido, de Batavia. Dissoluto e ousado, sempre, entretanto, fracassou em suas empresas. Avido de dinheiro e de fama, entendeu que os poderia obter traíndo os segredos da Ordem, fazendo publicações que, dizia, eram reveladoras. Alguns Ir.:, ciosos do fiel cumprimento do dever maçônico, levaram a Morgan formal intimação para que deixasse o paiz, ahí não mais voltando; para isso, deram-lhe dinheiro e elle partiu ás escondidas. O caso teria ficado neste ponto se houvesse sido tratado abertamente e não reservadamente como foi. Dahi, surgirem, á bocca pequena, boatos de que Morgan fôra raptado e atirado ás aguas de Niagara.

Sobre o caso de seu desaparecimento muito se escreveu, mas, nunca, se disse a verdade completa. Embora não houvesse o menor vestigio sobre esse supposto assassinato, alguns politicos inescrupulosos, chefiados por Thulow Weed, tomaram, para desacreditar a Maçonaria, o caso á sua conta.

Já havia decorrido um anno, quando foi encontrado um cadaver nas margens do Lago Ontario. Weed e a esposa de Morgan (esta subornada para tal fim), *identificaram o morto como sendo Morgan* (um anno depois!!) e, muito embora a esposa de um pescador affirmasse que o cadaver era de seu marido, pescador afogado havia uma semana, prevaleceu a affirmativa de Weed, politico capaz de tudo para vencer, que retrucára: “apesar de tudo, era Morgan”.

O Governador de New York fez tudo para descobrir o *crime* e, isso, com o firme proposito de castigar os culpados e seus cúmplices. Todas as Lojas repelliram a idéa de crime, mas os homens fanatisados ficaram sob o dominio da lei das multidões inconscientes, dando origem a um partido *anti-maçônico* e as lutas consequentes muito interessaram o paiz de norte a sul. Nessas lutas, o partido de Weed, a que pertenciam Seward,

Thaddeus, Stevens e outros, derrotou a Henry Clay por ser este maçom, elevando, porém, á presidencia a Andrew Jackson, sem saberem que este era, tambem, maçom.

Foram estes os factos principaes do *caso Morgan*, a que J. Quincy Adams deu credito a ponto de, em uma serie de cartas, dizer que a Maçonaria era "*inimiga da sociedade e dos Estados Livres*".

"Inimiga da sociedade e dos Estados Livres" a nossa Instituição que, nos Estados Unidos, tinha, em seu seio, a Washington, Franklin, Warren, Marshal e tantos outros apóstolos da Liberdade!! — *Trajano*.



C. C. — (Parahyba) — Já vemos dito tantas vezes que a Maçonaria não nasceu em 1717, pois, nesse anno, o que se deu foi o "*resurgimento*" de nossa Instituição pela implantação da Maçonaria Especulativa, em substituição á Maçonaria Operativa. Os antigos Maçons operativos foram, incontestavelmente, os pioneiros da actual Instituição e seus feitos datam de muitos seculos antes dessa transformação. Os Magistri Comacini foram, sem medo de contestação, os constructores das mais magestosas obras erigidas entre os annos de 800 a 1.000. Constituíam uma fraternidade fiel e secreta, a que muitos sabios são accordes em affirmar que "*devemos o não se haver perdido por completo o patrimonio da antiguidade*", embora actuassem em uma época de absoluta ignorancia.

O apparecimento da Maçonaria na Inglaterra data, conforme todos os Old Charges (Antigas Obrigações), do reinado de Athelstan, neto de Alfredo, o Grande, entre os annos 925 a 940 de nossa éra. Nessa época, foram adoptadas leis e regulamentos para os serviços do officio. A historia de Athelstan e de S. Albano são tidas como lendas cahidas nas dobras das tradições, não seguidas, aliás, pela maioria dos criticos. E' crença geral que a Assembléa, que votou as primeiras leis e regulamentos, se reunio em New York em 926, mas não existem dados historicos sobre ella.

Fosse em York ou em outra qualquer parte, não ha duvida que convocadas foram muitas reuniões a que compareciam maçons devidamente autorizados para deliberarem no sentido de se manter a dignidade do officio, sendo suas deliberações con-

vertidas em leis da Ordem.

Muitos Maçons pensam que a Maçonaria evoluiu das Guildas de Pedreiros.

Pensamos haver engano nessa affirmativa, pois, apesar de trabalharem juntos durante muitos seculos, os pedreiros nunca se associaram aos maçons architectos. Estes já existiam muito antes que se formassem as Guildas. Estas, no dizer de Hallam, "eram fraternidades de associação voluntaria nas quaes se protegiam seus membros contra a miseria e outras adversidades". Os Membros das Guildas eram empregados constantemente pelos maçons operativos em suas obras menos importantes; elles só ingressavam na Maçonaria depois de provas seguras de aptidões profissionaes e moraes.

Dahi se infere que os maçons operativos não formavam unicamente uma associação de trabalhadores manuaes, mas, tambem, uma Ordem onde era conservada uma profunda tradição scientifica e symbolica.

Foi no periodo das construcções gothicas que a Maçonaria Operativa attingiu ao maximo esplendor, ao zenith de seu poder, erigindo por ideaes — a força, a sabedoria e a belleza; por lema — a fidelidade a Deus e ao Governo e por missão — trabalhar pelo bem publico e pela fraternal caridade.

Conservadora das mais sublimes tradições, abrigou os opprimidos e aos homeus ensinou a arte e a moral.

Terminadas as construcções das Cathedraes, a Ordem decahiu, muito embora houvesse conservado seu character, sua organização e seus symbolos.

Apesar do declinio da architectura gothica, que acarretou o da Maçonaria Operativa, e embora muitos de seus membros se dispersassem, esquecidos das primitivas glorias e de seus elevados fins, no seio das Lojas maçonicas, de então, ficaram elementos poderosos, fieis aos seus ideaes, firmes na propaganda de seus ensinamentos moraes e materiaes, até que, com a entrada de elementos estranhos aos fins operativos, deu-se, em 1717, a sua completa transformação, fundada nas bases universaes ainda hoje vigentes em nossa Ordem. — *Trajano.*



Desilludido — (Rio) — O Ir. não deve se deixar levar pela primeira informação que lhe derem. Isto é muito mau, capaz,

mesmo, de tornal-o descrente dos homens e das cousas. Podemos garantir-lhe que nenhum dos maçons regulares que trabalham ao nosso lado teve sequer a idéa *de pedir amnistia ao Gr.: Or.: do Brasil*. Amnistia só pôde existir quando ha uma condemnação devida á falta ou crime commettido. Qual o crime que commettemos?

O de, voluntariamente, nos separarmos da obediencia do Gr.: Or.:? São, por ventura, escravos os Maçons, a ponto de terem obrigação sagrada de supportarem o mais nefasto jugo do mais irregular de todos os corpos maçonicos existentes no mundo?

Nunca, jamais, poderíamos pensar em pedir cousas que a nós não se applicariam dignamente.

O que se deu foi tudo pensado e levado a effeito no seio do Lavradio, cremos que por proposta do Orador de sua Assembléa.

Si esse gesto quiz, veladamente, traduzir o desejo da união de todos os Maçons sob os rigidos principios maçonicos universalmente consagrados, não podemos incriminar ao Ir.: proponente, porque deve ser o desejo de todos bons maçons: ver a Maçonaria Brasileira unida e forte, mas livre e limpa da immensa quantidade de joio que sempre estragou as colheitas dos fructos que semeamos em profusão. Limpos os canteiros da silva damninha que asphyxia o crescimento dos sãos principios da moral maçonica, a união é plausivel, como consequencia das immutaveis tradições e dos puros principios que fazem iniciados pelo coração e não simples "profanos de avental" a vegetarem á sombra de inconfessaveis interesses e de vergonhosas vaidades.

Essa, porém, não foi a intensão que presidiu ao gesto. A intensão unica foi a veleidade de suppôr o Gr.: Or.: do Brasil com autoridade bastante sobre nós, sobre os maçons que constituem as Organisações regulares no Brasil existentes, mostrando aos quatro ventos o "*carinhoso amor e sublime tolerancia*" do Lavradio!!

Felizmente, antecipando-se ao nosso energico protexto de desprezo a tão idiota inclusão de nossos nomes na amnistia, o Ir.: E. P., levado, talvez, por algo de odio que ainda fervilha em certas veias, conseguiu que da *lista de clemencia* fossem ris-

cados os nomes dos que, obedientes á criteriosa orientação maçônica de Mario Behring, deixaram o seio do Gr. . Or. . do Brasil trazendo n'alma a esperança e a fé de uma Maçonaria pura e verdadeira, já agora, por nós, implantada no Brasil, apesar dos grandes obstaculos encontrados e que ainda não desapareceram de todo, devido aos maus habitos, infelizmente, conservados por muitos Maçons.

E, assim, dessa intervenção energica, que provocou animadissima discussão, resultou a exclusão de nossos nomes da celebre amnistia. Amnistiem aos maus maçons que lá existem e que, em vez de amnistia, deveriam ser expulsos, mas não se lembrem de nos manchar com falsos sentimentos e lagrimas de crocodillo.

Eis o que sabemos dos factos occorridos no Lavradio. Si nós repelliríamos tal offensa, como pôde o Ir. . imaginar que a impetrassemos?! — *Trajano.*

CORRIGENDA

Por uma falta alheia á nossa vontade, na publicação do resumo da sessão do Sob. . Sup. . Cons. ., realisada em 10 de Setembro ultimo, deixou de figurar, entre os Ir. . agraciados pelo Sob. . Sup. . Cons. ., o nome de nosso Pod. . Ir. . Mario Costa de Magalhães, 32º, que foi elevado ao gr. . 33º, já se achando regularmente iniciado em seus Mystérios.

Pela Maçonaria Brasileira

Parahyba

A Gr. . Loj. . do Estado da Parahyba, fundada em 24 de Agosto de 1927, está mantendo boas relações fraternas, com troca de Garantes de Amisade, com os seguintes Corpos Maçonicos:

GGr. . LLoj. . do Pará, Ceará, da Bahia, do Est. do Rio de Janeiro, do Rio de Janeiro (Districto Federal), de S. Paulo, de Minas Geraes, de Matto Grosso, do Rio Grande do Sul, no Brasil; do Chile, de Manitoba (Canadá), da Rumania, do Egypto, do Paraguay, de Nuevo Leon, Lá Oriental Peninsular (Merida-Mexico), de S. João de Porto Rico, e com os GGr. . OOr. . do Amazonas e Acre (Brasil), do Uruguay e Hespanhol (Sevilha).

Está em correspondencia com a Gr. . Loj. . Benito Juarez, de Coahuila, Mexico, e com o Gr. . Or. . Argentino.

S. Paulo

Por motivo de molestia, o Gr. . Mest. . da Gr. . Loj. . de S. Paulo, nosso Ir. . Dr. Carlos Reis, deixou temporariamente o exercicio de cargo, que passou a ser exercido pelo Gr. . Mestr. . Adj. . .

O Ir. . Carlos Reis é tambem o Sob. . Gr. . Insp. . Liturgico do Sob. . Sup. . para o Brasil na jurisdicção de S. Paulo, por cujo expediente está respondendo o Deputado-Inspector Liturgico Ir. . Dr. Benjamim Reis, 33° .

A vida maçonica do Ir. . Carlos Reis é já bem longa, pois, sómente a sua actividade no gr. . 33° data de 1882. E', portanto, o mais antigo dos GGr. . Insp. . GGer. . existentes no Brasil. Por seu prompto restabelecimento fazemos ardentes e cordiaes votos.

Bahia

A Gr. . Loj. . da Bahia acaba de crear a «Escola Domestica Maçonica», destinada a «desseminar a instrucção, de modo que os beneficiados consigam um relativo preparo para a vida pratica». Nella serão recebidos os filhos e orphãos de Maçons que

lutem com difficuldades para o conseguimento desse indispensavel preparo que os torne aptos á collaboração activa no progresso nacional.

Com o fim de ampliar o seu actual edificio, a Gr.: Loj.: da Bahia acaba de votar a verba necessaria para a aquisição do predio contiguo ao seu Palacete. No predio a ser adquirido a Gr.: Loj.: pretende installar, sob o titulo de «Abrigo dos Maçons», a Beneficencia Maçonica. Nelle funcionarão, tambem, a «Carteira de Peculios», o «Posto Medico» e outros serviços de assistencia que forem ampliados.

Sob a Jurisdição da Gr.: Loj.: da Bahia trabalham as seguintes Lojas Symbolicas: «Fidelidade e Beneficencia», «União, Caridade e Abrigo», «Udo Schleusner», «Força e União 2.^a», «Fraternidade Bahiana», «Filhos de Salomão», «Luz do Oriente», «Acacia Bahiana», ao Or.: da Capital (S. Salvador); «Caridade e Segredo», ao Or.: de Cachoeira; «União e Caridade», ao Or.: de Cannavieiras; «Alliança Universal», ao Or.: de S. Felix; «Amor e Luz 3.^a», ao Or.: de Lençóes; «Areopago Itabunense», ao Or.: de Itabuna; «Regeneração Sul Bahiana», ao Or.: de Ilhéos; «Caridade e Sigillo», ao Or.: de Alagoinhas; «Fraternidade Nazarena», ao Or.: de Nazareth; «Harmonia e Amor», ao Or.: de Joaseiro; «Luz e União», ao Or.: de Feira de Sant'Anna; «Acacia do Sul», ao Or.: de Pirangy; «União Beneficente», ao Or.: de Jequié, e «União e Fraternidade Bomfimense», ao Or.: de Bomfim.

Amazonas

O Gr.: Or.: do Amazonas, que tem por Gr.: Mestr.: o nosso M.: Ill.: Ir.: Dezembargador Gaspar Antonio Vieira Guimarães, cujo mandado acaba em 1932, elegeu para seu Gr.: Secr.: Ger.: o nosso Ir.: Dr. Elviro Dantas Cavalcanti.

As Lojas do R.: A.: A.: E.: que trabalham sob a jurisdicção desse Gr.: Or.: são as seguintes: «Esperança e Porvir», «Rio Negro», «Aurora Luzitana», ao Or.: de Manáos; «Alliança»,

ao Or.: de Canutama; «União, Paz e Trabalho» ao Or.: de Parintins; «Sá Peixoto», ao Or.: de Teffé; «Bandeirantes do Acre», ao Or.: de Xapury (Acre); «Luz e União do Juruá», ao Or.: de S. Felipe; «Igualdade Acreana», ao Or.: do Rio Branco (Acre); «Firmeza», ao Or.: de Benjamim Constant; «Fraternidade e Trabalho», ao Or.: de Senna Madureira (Acre); «Liberadora Acreana», ao Or.: de Seabra (Acre); «Bolivar», ao Or.: de Cobija (Rep. da Bolivia); «União e Perseverança», ao Or.: de Porto Velho; «Thereza Christina», ao Or.: de Brasília (Acre) e «Fé e Esperança», ao Or.: de Guajara-Mirim (Matto-Grosso).

Somente duas LLoj.:, a «Amazonas» e a «Conciliação Amazonense» ainda não trabalham no R.: E.: A.: A.:. Estamos bem informados que estas Lojas, em breve, passarão a trabalhar neste Rito, unificando-se, assim, o Gr.: Or.: do Amazonas e Acre.

Com a criação da Gr.: Loj.: do Estado de Matto Grosso, a Loja «Fé e Esperança», passará, naturalmente, á obediência desta Gr.: Loja.

NOTICIARIO

Yugo-Slavia

A Gr.: Loj.: da Yugo-Slavia, em attenção aos grandes serviços prestados pelos Ilr.: George Weifert e Dr Adolph Michalic, concedeu-lhes, respectivamente, os titulos de Grão Mestre de Honra e de Deputado Grão Mestre de Honra.

Russia

«Desde que o clero catholico, diz o “Volna Mylenka”, começou sua campanha contra a supressão da liberdade religiosa na Russia, estavamos esperando que os clericaes affirmassem que de tudo quanto se passa na Russia fossem culpados os Maçons, já que sem elles nem um mal póde haver neste pobre mundo».

Em 4 de Março ultimo, porém, o «Prazshy Vecernik» fez a famosa affirmação, esquecendo-se, porém, de dizer que a Russia

dos bolchevistas supprimiu a Maçonaria enquanto o Papado adu-
lava os Soviets.

Para os catholicos isso não tem importancia, porque a idéa
preconcebida é que seus verdadeiros inimigos não são os bolche-
vistas, que renegam a Deus, mas tão somente os Maçons que o
veneram, embora não se sirvam dos serviços de seus fanaticos
administradores na terra.

Estados Unidos

Os GGr.: MMestr.: das GGr.: LLoj.: dos Estados Unidos
reuniram-se, ultimamente, em conferencia, tratando de assumptos
relativos á educação e á instrucção maçonicas dos Ir.:.

Sobre a magna questão, o de Massachsetts opinou pela
creação de escolas capazes de satisfazerem a educação de, pelo
menos, 150 alumnos.

O de New York, dando valor á colaboração entre conferen-
cistas e ouvintes, pensa que se deve ter em conta a importancia
absoluta de um trabalho educativo, pondo-se á disposição dos Ir.:
material literario, como fez a sua Gr.: Loj.: distribuindo qui-
nhentos mil folhetos destinados a esse fim.

O da Gr.: Loj.: de Texas julga que se deve eleger uma
Commissão de cinco Membros para organizar e dirigir a ins-
trucção e a educação maçonicas nos 119 Districtos.

O Ir.: Henry T. Porter legou á Gr.: Loj.: de Pensylvan-
nia a quantia de 200.000 dolares para a construcção de um lar
para meninos e meninas.

Quando o Almirante Richard E. Byrd, membro da "Kane
Lodge" de New York, vôu sobre os polos do Norte e do Sul,
levou, sempre, comsigo a bandeira Maçonica.

O Ir.: William S. Farmer, antigo Gr.: Mestr.: da Gr.:
Loj.: de New York, falleceu a 22 de Fevereiro ultimo. Este Ir.:
era um extremado americanista, attribuindo-se-lhe a seguinte di-

visa : “Somos americanos, vivemos na America, cremos na America e queremos, si necessario, morrer pela America. Por isso, devemos ensinar o americanismo e propagal-o em idéas, costumes, arte, literatura e idioma».

*)
**

No dia 9 de Março ultimo passou ao Or.: Eterno o Ir.: Taff, ex-presidente dos Estados Unidos. Taff foi iniciado, a 18 de Fevereiro de 1909, em Cincinnati, em uma Loja Occasional, pelo Gr.: Mestr.: de Ohio. Após haver recebido os ensinamentos dos grãos symbolicos e ser investido dos direitos de maçon regular, assistiu, na mesma noite, a exaltação de um Ir.: na Loja “Kilerinning”.

**
*

A Gr.: Loj.: de Pensylvania recebeu, legada por Virginia Mekel, a importancia de 822.500 dollares destinados a obras de philantropia.

**
*

Entre os valiosos documentos offertados pelo Ir.: David Eugen Smith á Bibliotheca da Gr.: Loj.: de New York, figuram: um recibo em pergaminho datado de 1414 e passado pelo architecto Godin, em cujo timbre se vêem um esquadro e um compasso e que, por isso, é considerado como a mais antiga representação desses symbolos, hoje, existente; — um certificado da Gr.: Loj.: de França, datado de 1775 e assignado pelo celebre astronomo Lalande, pelo Dr. Guillotin e por Morin.

Hespanha

A policia de Almeria, sequiosa de prestar um relevante serviço á causa da ordem e da paz publicas, penetrou violentamente no Templo das Lojas daquela cidade, interrompendo os trabalhos, detendo os Maçons que ali se achavam e apoderando-se das joias e dos documentos que encontrou. Como, porém, nada encontrassem (quer em documentos, quer em pessoas) que pudesse, de leve, justificar as quixotescas violencias, procurou mascarar o fracasso instaurando um inquerito que subiu ao Juiz de Instrução para formação do processo. O Juiz, com certeza, archivará o caso, mas os soffrimentos moraes e materiaes dos Ir.: e das Lojas não serão indemnizados,

Eis como, no heroico berço de Cid, vivem os nossos Iir.:!

Hollanda

Na Hollanda cogita-se da organização de uma “Associação Nacional de Maçons”, tendo, como finalidade de seu programma, os seguintes pontos :

Ethico : — Aproximação entre as esposas dos maçons e cultivo do espirito maçonico no seio das familias ;

Philantropico : — Adaptar e coordenar a acção da mulher ao serviço da philantropia maçonica ;

Pratico : — Collocação dos meninos procedentes das Indias Hollandezas. Intercambio de meninos com o estrangeiro. Aproximação dos filhos de maçons nas universidades. Cooperação com as associações cuja actividade e ideaes sejam similares. Publicação de um jornal de informação sobre os trabalhos dessa liga feminina.

Ilhas Filippinas

A Gr.: Loj.: das Ilhas Filippinas, fundada em 1912, tem sob sua Jurisdição 102 Lojas, das quaes 29 em Manilla, com um effectivo de 6.650 Mestres Maçons. E' a unica Gr.: Loj.: Soberana na Asia e está universalmente reconhecida. Actualmente é seu Gr.: Mestr.: o Ir.: Vicente Carmona. Os cargos de Deputado Gr.: Mestr.:, de VVig.:, Gr.: Secr.: são occupados, respectivamente, pelos Ir.: William W. Larkin, Isidro Paredes, Stanton Youngberg e Newton C. Comfort. O orgão official dessa Gr.: Loj.: é a revista “The Cabletow”, publicada em inglez e em hespanhol, cuja acção propagadora dos principios maçonicos é de grande efficiencia.

No numero de Setembro ultimo, o Gr.: Mest.: Ir.: Vicente Carmona faz formal declaração sobre os corpos e organizações clandestinas existentes nas Ilhas Filippinas e que são as seguintes :

A «Gr.: Loj.: Soberana do Archipelago Filippino»,

O «Supremo Conselho do Gr.: 33º para as Ilhas Filipinas».

As organizações denominadas: «Grande Maçonaria Filipina», «Gr.: Or.: Filippino», «Martyres de Filippinas» e «Grande Luz da Maçonaria Filippina».

Assim, pois, chamamos a atenção de todas as organizações maçônicas regulares do Brasil para esses Corpos e Organizações clandestinos com os quaes não devem absolutamente manter a minima relação.

O «Supremo Conselho do Gr.: 33º para as Ilhas Filippinas» é identico ao existente, entre nós, no seio do irregular Gr.: Or.: do Brasil.

Os Corpos dos Altos Grãos do R.: E.: A.: A.: existentes nas Ilhas Filippinas estão subordinados ao Supremo Conselho da Jurisdição Sul dos Estados Unidos.

Inglaterra

O Bispo de Buckingham foi eleito Gr.: Mestr.: Provincial da Gr.: Loj.: de Buckingham.

O mais antigo Maçon, presume-se, é o Ir.: Dr. John Dixon, nascido a 1 de Setembro de 1832. Este Ir.:., Juiz de Paz do Districto de Berondsey, em Londres, iniciou-se a 15 de Janeiro de 1856, tendo sempre se mantido em actividade. Conta, portanto, o Ir.: John Dixon com uma actividade maçônica de 74 annos.

Italia

Na amnistia concedida pelo Rei da Italia, por occasião do casamento do Principe herdeiro, não foram incluídos os Maçons deportados e condemnados.

O General Giuseppe Garibaldi, neto do heroe da unificação italiana e de nossa patricia Annita Garibaldi, é membro da Loja «Garibaldi», ao Or.: de Perugia, e está vivendo no desterro.

Africa

Na cidade de Windhuk foi fundada uma Loja sob a obediência da Gr.:. Loj.: de Hamburgo. Na Africa Occidental Alle-mã funcionam, actualmente, tres Lojas, todas de origem allemã.



Até fins de 1929, a Gr.:. Loj.: Districtal da Africa tinha sob a sua jurisdição 46 Lojas, em cujos quadros existem aproximadamente 2.200 obreiros.

Australia

A jurisdição da Gr.:. Loj.: de Nova Zelandia é exercida sobre 300 Lojas com um effectivo de 2.700 Membros. Seus fundos montam actualmente em 127.500 libras.

A Maçonaria NOS Exercitos

(Ir.: Major Raphael L. Garcia, em «The Cable-tow», Manilla)

A Maçonaria nos exercitos é assumpto tão vasto quão interessante, repleto de factos que nos fazem sentir que a Maçonaria não consiste no simples trabalho ritualistico e que seus ensinamentos não pôdem, de forma alguma, estar divorciados da moral.

Para a humanidade pensante, os limites do mundo são os da extensão da Maçonaria, sendo esta grandeza o campo da caridade do Maçon já em actos, já em pensamentos e palavras. Onde se encontrem Maçons, existirá verdadeira fraternidade; onde se erguerem Lojas Maçonicas, existirá fonte perenne de luz e de amor fraternal. Não admira, pois, que os nossos Irmãos dos Exercitos desejem, desde tempos immemoriaes, estabelecer Lojas em seus regimentos.

Felizmente, raras vezes foi-lhes negado esse privilegio. Nos exercitos da Grande Guerra, bem como nas guerras anteriores, zelosos Irmãos puderam continuar na procura da verdade quer nos grandes acampamentos quer, como muitas vezes se deu, bem junto das trincheiras, em frente ao inimigo.

E' notorio, e muito me encanta quando leio livros, artigos e notas que collecciono sobre o assumpto, ver que, em alguns paizes, as primeiras Lojas estabelecidas foram de character militar ou semi-militar.

Em Calcutá, na India, Lojas militares foram fundades desde 1730. Em Madras, em 1752, e em Bombaim, em 1758, as Lojas eram, na sua maioria, compostas de Officiaes das tropas da Rainha, visto o numero dos Officiaes de infantaria regional não ser sufficiente para organização de Lojas permanentes.

Em caso de transferencia para novas guarnições onde não houvesse Loja, era usual pedirem ás Lojas regulares autorisação para trabalharem até que de Inglaterra viesse a devida concessão. Essa praxe, corrente aliás, prevaleceu, por longo tempo, no Imperio Britanico, em Halifax, Nova Escocia, S. João da Terra Nova, Quebec, etc., até que, em 1840, cahiu em desuso. Eram Lojas compostas somente de Officiaes, onde os Officiaes inferiores eram admittidos como Irmãos cobridores.

Existiram, entretanto, Lojas onde officiaes e praças eram admittidos em igualdade de condições, salientando-se um caso de, sendo as praças mais instruidas maçonicamente que os Officiaes, occuparem ellas os cargos de maior importancia, emquanto estes se contentavam com o desempenho de cargos subordinados.

Em França, varias Lojas, em seu começo, foram de character militar, sendo que, segundo a tradicção, a primeira foi fundada, em Paris, pelo Conde de Derwentwratel, em 1725; antes de 1738 já existiam outras em Paris e duas nos Departamentos, todas regularmente constituidas e de character militar.

O Marechal Destrees, o Conde de Saxe e o Duque de Richelieu fizeram-se iniciar Maçons em 1737. O Gr.: Or.: de França foi organizado em 1773, nascido da Loja Regimental da Infantaria de Hainaut, chamada Loja Memovancy, tendo como Gr.: Mestr.: o duque de Chartres.

Quando a Silesia foi, em 1808, occupada pelos francezes,

havia uma Loja militar annexa ao Commando principal do 6º Corpo de Exercito; ha motivos justos para se crer que Napoleão foi iniciado Maçon em Malta, em 1798.

Na Allemanha, as Lojas militares eram simples auxiliares das regulares estacionadas. Só existiam em tempo de guerra ou em periodos de mobilisação. Uma das mais antigas dellas foi a Parfaite Union, fundada pelos prisioneiros francezes, em Magd-burg, em 1761. Dentre os mais notaveis Maçons daquelle tempo, cita-se Francis, Duque de Lorraine, iniciado em 1731, e o Principe Frederico Guilhermè, depois Rei da Prussia, feito Maçon em 1738. Desde Frederico, o Grande, todos os reis da Prussia, excepto Frederico Guilherme IV e o ultimo Imperador deposto, foram Maçons.

Na Austria nunca a Maçonaria progrediu, embora, fosse por algum tempo, patrocinada pelo Imperador Francisco, falleido em 1765.

A primeira Loja militar da Hollanda foi fundada em Maas-tricht, em 1745, seguindo-se, logo depois, a fundação de mais vinte outras.

Na Polonia, em data muito remota, foi introduzida a Maçonaria principalmente pelos nobres e pelos officiaes do exercito. O galante Principe Joseph-Pomiatonsky, promovido a Marechal de França, por Napoleão, nos campos de Leipzig, falleceu afogado no rio Elster, quando da retirada das forças francezas, em 1813; no anno seguinte, em Warsaw, uma Loja celebrou officio funebre em sua memoria.

Em 1821, a Maçonaria da Polonia foi supressa.

Na Belgica existiram quatro Lojas militares e duas de guarnição, sendo estas fundadas em 1836; todas adormeceram.

Na Hespanha, a primeira Loja foi fundada, em Madrid, em 1728, pelo Duque de Warton, tendo sido supressa, em 1814, por Fernando VII, que declarou todos os Maçons traidores á corôa e muitos dellas, tanto de Hespanha como de Portugal, foram presos e condemnados á morte.

Na Italia, muitos dos mais adeantados commandantes militares de mar e terra eram Maçons. Eugene Beonharnais, Vice-Rei de Italia, foi Gr.: Mest.: da «Division Militaire», em 1805, em Milão. Giuseppe Garibaldi, o libertador da Italia, era membro de todas as Lojas existentes na peninsula e de diversas da Ingla-

terra, França e America do Norte.

Considera-se que o Mexico deva sua independencia á Maçonaria. Diversos Generaes e Presidentes foram Maçons, sendo os mais notaveis o General Porphirio Diaz, que foi chefe da Instituição Maçonica, e os tres patriotas que batalharam pela independencia da Republica: Hidalgo de Costilla (sacerdote catholico), Morelos (de sangue indio) e o General Xavier Mina.

Nas Philippinas, a primeira Loja que actou maçonicamente foi uma Loja militar que viera na expedição chefiada pelo Almirante Cornish e pelo General Drepper, em 1762, quando Manilla foi capturada pelos inglezes. O Respeitabilissimo Ir.: Perkins, que ainda prosegue nas investigações sobre este assumpto, publicou uma interessante monographia dos resultados colhidos. Essa Loja militar, que trabalhou nas Ilhas durante o curto tempo da occupação ingleza, reunia-se na Cathedral de intramuros e, da correspondencia encontrada nos archivos das Indias, em Sevilla (Hespanha), consta que foi seriamente proposto que, para *purificar* esse templo, assim tão profanado, fosse o mesmo completamente destruido pelo fogo.

A outra Loja militar, de que ha memoria, nas Philippinas é a cuja Carta foi concedida pela Gr.: Loj.: de Dakota do Norte (Estados Unidos) aos voluntarios de infantaria, em 1898, quando alli estiveram.

Essa Loja tinha séde em Manilla e seus arredores, emquanto o regimento operava na guerra hispano-americana e na rebelião philippina.

Estranha coincidência nota-se, entretanto, ao ver-se que, apesar de profunda antipathia catholica contra nossa Instituição, nossos Ir.: procuravam, de preferencia, os templos catholicos para nelles trabalharem.

Os Ir.: inglezes utilizaram-se da Cathedral, emquanto lá estiveram, em 1762, e, em 1899, a Loja militar da Dakota do Norte realisou diversas sessões na Igreja Culi-Culi, sendo que, na sessão realizada em 22 de Fevereiro de 1899, quando se conferia um gráo ao um candidato, o cerimoniaal foi apressado para se livrarem das balas que, num ataque dos philippinos, começavam a furar a cobertura de ferro do edificio.

A actuação dessa primeira Loja militar foi benefica para todos os Maçons, proporcionando immenso prazer aos que já habitavam as Ilhas.

E' interessante ver-se que, durante a Grande Guerra, a Gr.:

Loj. . de Dokota do Norte expediu Carta á Loja Militar nº. 2, com poderes especiaes de conferir grãos. O numero da Loja foi dado por ter sido a n.º 1 fundada nas Philippinas.

Embora os Altos Corpos Maçonicos dos Estados Unidos da America do Norte sejam contrarios á concessão de Cartas Constitutivas a Lojas militares, existem algumas GG. . LLoj. . favoraveis. Nas concessões feitas salientam-se a Gr. . Loj. . de Dakota do Norte, com as Lojas acima referidas e a Gr. . Loj. . de Kentucky que, por sua vez, expediu Carta a uma Loja militar para trabalhar em Cuba, durante a Guerra Hispano-Americana (1) e a varias outras Lojas militares que, ligadas aos regimentos, atravessaram os mares durante a Grande Guerra, e a Gr. . Loj. . de New York que expediu Carta á Loja "Mar e Terra", com direitos especiaes de reunir-se em qualquer parte do mundo, iniciar, passar e exaltar candidatos independentemente de prazos, simplificar os Rituaes, abolir regulamento interno e contribuições, limitando-se á contribuição inicial unica de vinte dollares, no minimo.

Presentemente, as GG. . LLoj. . não permitem que, nos regimentos aquartelados, trabalhem Lojas militares, mas esse uso prevaleceu durante os seculos 18 e 19, tendo precedencia neste proceder a Gr. . Loj. . da Irlanda que, por esse modo e naquella época, conseguiu grandes vantagens para o desenvolvimento da Instituição.

Durante a Guerra civil da America do Norte, muitas Lojas militares funcionaram nos exercitos do norte e do sul. Mais de cem concessões foram feitas.

Dentre os veteranos maçons, encontravam-se :

General James A. Garfield e o Major W. Machinley, ambos depois presidentes dos Estados Unidos ;

General Robert Anderson, o heróe do Forte Suinter ;

General Albert Pike, o sabio Maçon. Possuia elle uma bibliotheca maçonica de grande valor, em Little Rock, Arkansas, a qual, sem duvida, teria sido destruida pelas tropas federaes, si não fossem os bons officios do General Thomaz H. Benton, Gr. . Mest. . da Gr. . Loj. . de Yowa, que alli residia. Bibliotheca e casa foram poupadas.

Durante a revolução americana, quando se batiam as Colo-

(1) Esta Loja teve como Veneravel o nosso M. . Ill. . Ir. . John H. Cowles, que, durante a guerra hispano-americana, serviu no 1º. Corpo de Voluntarios. O Ir. . Cowles recebeu, nessa occasião, todas as prerogativas relativas ás dispensas. (Nota de Astréa).

nias pela Independencia, pelo facto de serem Maçons o General em chefe Washington e a maioria de seus generaes, todos devotados e activos Maçons, a Maçonaria influio nos corações dos patriotas que pugnavam pela paz.

Na opinião do Respeitabilissimo Ir.: R. A. Hansfield Hobbs, o nosso eminente Ir.: Washington deve a sua escolha para o commando em chefe ao facto de ser Maçon. “Existiam, diz Hobbs, muitos outros que possuíam iguaes, sinão melhores, predicados e experiencia que elle, que apenas se notabilisara pela expedição Braddock. Era episcopal, aristocrata, sulista, senhor de escravos, rico e de esmerada cultura. Todos estes predicados eram obstaculos ante os olhos dos povos do norte, puritanos e dessidentes que eram. Apesar disso, Washington foi o preferido aos generaes mais antigos. O argumento politico, sem duvida, fora que, com sua escolha, ficava assegurado o apoio das Colonias do Sul, mas, prevalencia, entretanto o ser elle Maçon bem conhecido pelos Ir.: das diversas Colonias, o que o tornaria bem acceito pelos mais proeminentes patriotas civis e militares, mui especialmente pelos do norte, tão desiguaes a elle em pessoa e habitos.”

Dentre muitos outros Maçons notaveis que tomaram parte na revolução, cita-se o General Hugh Mercer, morto na batalha de Princetow. Era muito estimado por Washington, que, vendo-o ferido, approximou-se tanto (30 jardas) das linhas inimigas (inglezas) para salvar-o; este acto de intrepidez, transformou a derrota em victoria. Nessa mesma batalha, Washington e Benjamim Rush descobriram que o Capitão William Leslie, do 7º Regimento britânico, mortalmente ferido, era Maçon; trataram-no com o maior desvelo e, ao fallecer, foram-lhe prestadas honras militares e maçonicas.

Na Campanha de Bergonha, muito se distinguiram os seguintes Maçons, que, nessa época, se achavam na Europa: General Philip Schuyler, encarregado do sector do norte; Samuel Kirkland, o fundador do Collegio Hamilton; Major General John Stark, o heróe de Bermington que, em vóz alta, exclamou: **Camaradas**, alli estão os hessianos. Logo, á noite, nossa bandeira **fluctuará** sobre essa montanha ou Molly Stark ficará viuva”.

Na batalha do Forte Stanwick, o Coronel Marinus Willitt, Maçon, fez hastear sobre os paredões das trincheiras uma bandeira

americana feita de accordo com o desenho recentemente adoptado pelo Congresso. O vermelho foi tirado de um casaco de flanela e o azul do fardamento do Capitão Abrahão Swartont, pertencente á Loja King Salomon, de Ponghkeepsia, Nova York; foi a primeira bandeira estrellada, confeccionada ás pressas, que fluctuou em campo de batalhas.

O Ir. : De Kalb, commandante da reserva de Gates, quando este derrotado por Cornvaillis, em Candeu, foi ferido por dezete balas e feito prisioneiro, fallecendo poucos dias depois. Era commandante em chefe das forças britannicas Francis Raedon, Conde de Moira, Maçon, que fez transportar De Kalb para sua propria barraca, prestando-lhe todo auxilio e conforto enquanto vivo e rendendo-lhe honras militares e maçonicas em seu funeral.

O Ir. : Laffayette, ao voltar á America do Norte, em 1825, lançou a pedra fundamental do monumento que existe, hoje, em Canrhen á memoria de De Kalb.

O General Nathaniel Greem, o unico que esteve com Washington em Boston e o acompanhou até o fim da revolução, era Maçon. Delle disse Cornvaillis: "Elle era tão perigoso como Washington".

O General Ivon-Stenben, Professor; Ksociusko, engenheiro; Coronel Otho Willians; Generaes Harryker e William Washington, commandantes dos Dragões, General Daniel Morgan, commandante da Infantaria que completou á derrota de Cornwallis.

Todos esses Ir. :, Maçons em evidencia, eram favoraveis á manutenção de Lojas militares, annexas aos regimentos em campanha. O proprio Washington era de accordo com esse proceder e visitava frequentemente os trabalhos dessas Lojas.

Das objecções apontadas pelas GGr. : LLoj. : em opposição á concessão de Cartas Patentes a essa especie de Loja, salienta-se a de que o archivo dessas Lojas é facilmente perdido, ficando, assim, sem documentação para provar as iniciações.

Um caso em evidencia é o do General Laffayette que, sem duvida, Maçon quando aportara pela primeira vez á America do Norte, foi entretanto, novamente iniciado quando o exercito continental se retirara para Velley Forge, em Dezembro de 1777, em uma Loja militar da qual Washington era Veneravel.

Não foram, entretanto, encontrados, em parte alguma, os

documentos relativos a esse facto.

Um tal George Walton fez-se membro da Loja Salomon n.º 1, Savannes, na Georgina, antes da revolução. A data não se sabe porque o archivo da Loja foi destruido pelos inglezes, succedendo que, ao ser reconstituída a Loja, em 1785, não só elle como Mose e outros seus fundadores se submeteram á nova iniciação.

Durante a revolução, a Biblia e a Paramenta da Loja, pertencente ao batalhão 46 da infantaria ingleza, cahiu nas mãos dos rebeldes coloniaes. É digno de nota registrar-se que, immediatamente, foram levados á presença de Washington, que fel-os voltar ao campo inimigo, sob bandeira parlamentar e com guarda de honra.

O Ir. Rodriguez, de Cuba, informa-nos que, durante a guerra dos dez annos da independencia, em 1863, Carlos Manuel de Cespedes, chefe do movimento organisou uma Loja militar — a Independencia — em Guaymaro, da qual elle era Veneravel e na qual muitos Generaes foram recebidos Maçons. Em dado momento, quando o campo das forças cubanas foi surpreendido pelos hespanhóes, por premencia de tempo, tudo fôra arrumado ás pressas para retirada; parte das joias e da paramenta da Loja extraviou-se e parte de uma das Columnas, com a letra B, foi encontrada pelos hespanhóes e, ainda hoje, poderá ser vista no Museu da Artilharia de Madrid. Em 1894, durante a segunda tentativa dos cubanos para sua independencia, foi fundada uma Loja militar denominada “Luz del Sur”; em 1896, outra denominada “Agramonte”, tendo como Veneravel o Coronel Lino Perez.

Quando os hespanhóes, um anno depois, capturaram o campo, foram incendiadas todas as barracas, menos a occupada pela Loja. Suppõe-se que o Commandante em Chefe Eurico de Lara, das tropas hespanhólas, era Maçon, porque, ao ver, dentro da barraca, o Esquadro e o Compasso determinou que esta fosse deixada intacta.

Outra objecção que se offerece contra as Lojas militares é que as relações sociaes entre Maçons, no campo de batalha, podem ser mantidas por Clubs que muito melhor têm sido mantidos pelas Associações dos Jovens Christãos e pela Cruz Vermelha e outras que, invariavelmente, enviam corpos organizados para junto dos exercitos combatentes.

A Loja de Manilla n.º 1, anteriormente n.º 342, dependente da Gr.:. Loj.:. da California, foi organizada pelos Membros do Club dos Residentes, fundado pelos Membros da Fraternidade moradores em Manilla, em 1900. As reuniões eram de puro e simples carater social, embora o fim colimado e real fosse o de organizar Loja Maçonica, o que se realisou a 14 de Fevereiro de 1901, quando, por assim dizer, deixou de existir o Club.

Algumas GGr.:. LLoj.:. consideram as Lojas militares como verdadeira anomalia na Maçonaria; allegam que um Gr.:. Mestr.:. não pôde controlar efficientemente as Lojas dessa especie existentes, devido ás condições anormaes de sua existencia. Quando se deu a reunião dos Corpos em New York, em 1782, o ponto fraco das allegações foi a existencia, então, de muitas Lojas militares ligadas ás tropas do exercito.

Quando os inglezes evacuaram a cidade de New York, muitas dessas Lojas e IIr.:. foram eliminados, dentre os quaes muitos pertencentes á Administração da Gr.:. Loj.:.. William Walter resignou, ao partir, o cargo de Gr.:. Mestr.:. em favor de William Cook que, por sua vez, foi succedido pelo Resp.:. Ir.:. Roberto Livingston, Chanceller do Estado.

Não resta a menor duvida que os nossos IIr.:. militares muitos beneficios colheram dessas organizações, que só concorriam para a bôa harmonia e amor fraternal inspirado nas Lojas maçonicas. Ligados pelos laços mysteriosos da Fraternidade, esses soldados, Maçons de tantos paizes differentes, puderam firmar essa ligação universal que tanto almejamos, essa fraternisação de todos os povos do orbe.

Os momentos de relativa felicidade que gozaram nossos II.:., quando prisioneiros de guerra, durante a guerra mundial, teriam sido de amarga memoria para elles, si não fosse o auxilio a elles dispensado pelos IIr.:. existentes entre os seus detentores.

Cheia está a historia desses factos.

Os Mystérios Antigos e a Maçonaria Moderna

CAPITULO III

(Continuação do n.º 9)

Os Mystérios Druidicos, Gothicos, Gregos e Judaicos

Mystérios Druidicos

Os mysterios druidicos e celticos eram identicos e se celebravam em differentes paizes. Dizia Cezar que em nenhum lugar estes mysterios eram melhor comprehendidos do que na Inglaterra.

Todos os templos dispunham de um local, geralmente subterraneo, destinado á inicição. No condado de Derby existe ainda uma gruta, a de Castleton, que é uma prova de que os mysterios druidicos eram mais complicados do que se suppõe, á primeira vista. O templo de Abury, cuja construcção tinha a fórma de um circulo, é de uma estructura maravilhosa e de uma belleza rara.

A Iniciação para os mysterios druidicos, dividia-se em periodos ou épocas trimestraes, os quaes se celebravam por occasião dos equinocios e dos solesticios. Nesses mysterios, havia tres grãos iniciaticos, chamados, na ordem ascendente — Eubates, Bardos e Druidas, tornando-se obrigatorio e indispensavel que o Candidato á Iniciação possuísse determinadas virtudes e se achasse devidamente preparado para a cerimonia — O primeiro requisito exigido era a perfeição, não só moral como tambem mental. Uma vez terminado, para o Candidato, o periodo das provas, vestiam-lhe uma tunica listrada de branco, azul e verde, significando estas côres, respectivamente, a luz, a verdade e a esperança. Encerravam o Candidato num tumulo (*cromlec*) durante tres dias; durante esse tempo elle permanecia em completo jejum, até que, no terceiro dia, restituíam-no á vida, libertando-o afim de receber a iniciação. Logo ao sahir do *cromlec*, entrega-se-o a um Iniciador, o qual fazia-lhe dar nove voltas em torno do santuario, a principio com passo cadenc.

ciado e lento, augmentando a cadencia á proporção que augmentavam as voltas, até que a ultima era rapida.

Durante o tempo em que fazia essas voltas, eram ouvidos trechos de musica, alternados com recitativos, em louvor daquelles que haviam sido heroicos na guerra, brandos e cortezes na paz e amigos da religião. Terminada esta cerimonia, exigia-se do aspirante o juramento do segredo e, então, passava elle por ceremonias diversas, nas quaes representava personagens distinctas, exclamando, entre outras cousas « Eu morri » e « Eu resuscitei », phrases estas que se referiam á morte e á resurreição symbolicas do Candidato.

Na segunda parte da cerimonia, envolviam o Candidato negras trevas, no meio das quaes elle ouvia ora gemidos lancinantes de dôr, ora ferozes rugidos; isto fazia tambem parte, como vimos anteriormente, dos Mystérios já descriptos. Por fim, surgia da obscuridade o Candidato e penetrava num compartimento esplendidamente illuminado onde o apresentavam ao Archidruida, que lhe revelava os ensinamentos do Druidismo, instruindo-o sobre os Mystérios e exhortando-o á pratica das virtudes.

Além destes, havia ainda outro gráo, que era conferido sómente aos que aspiravam ter uma perfeição e instrucção mais elevadas. Para obtel-o, o Aspirante era submettido a provas muito severissimas e sua purificação era obtida á custa dos maiores sacrificios. Encerrado no *cromlec* pelo longo periodo de nove mezes, o Aspirante dedicava-se, durante este tempo, ao estudo da theologia, astronomia, philosophia, cosmogonia, etc. Diz o Dr. Oliver: « Nisto consistiam a morte e o enterramento celebrados nos Mystérios. Terminados os nove mezes de encerramento no *cromlec*, dizia-se ao Aspirante que elle havia nascido de novo do ventre de *Ceridwen*, e que se tinha não só regenerado moralmente como tambem se purificado das impurezas antigas, pelo facto de ter permanecido durante aquelle tempo nas entranhas da Deusa ». (*Oliver, History of Initiation, pag. 146*).

Uma vez terminado o periodo de gestação no seio de *Ceridwen*, isto é, terminado o encerramento no tumulo, o Candidato estava apto a receber outros ensinamentos; antes, porém, que lhe fosse conferido o gráo supremo, deveria passar por

novas e mais terriveis provas, nas quaes o Candidato, denominado então o « recém-nascido », era collocado numa pequena embarcação e abandonado ao sabor das ondas. Se tinha a felicidade de encontrar um lugar seguro onde aportasse, era recebido triumphalmente. Esta nova iniciação no terceiro gráo conferia ao Aspirante o titulo de « tres vezes nascido » e o poder de inspiração e prophacia, em sua forma mais elevada.

Os Druidas eram cultissimos, pois ensinavam ao seus discipulos astronomia, botanica, anatomia, medicina, linguas e outras sciencias. Todos os Mystérios foram, como se vê, os verdadeiros depositarios da Sabedoria Antiga.

MYSTERIOS GOTHICOS

A introdução dos mysterios gothicos no Norte da Europa deve-se a Sigge, principe asceta, que viveu cem annos antes de Christo.

Todas as nações do Norte da Europa praticavam os Mystérios Gothicos, que se celebravam com tres grandes festividades, a mais importante dos quaes era a do solsticio de inverno, dedicada a Thor. A segunda festa começava na segunda lua do anno novo e era dedicada a Fréa.

A terceira e ultima, celebrada na primavera, era dedicada a Odin. Além destas principaes, havia outras solemnidades de menor importancia, praticadas durante o anno.

O Palacio de Thor, situado no reino de Thurdwanger, era o lugar dedicado ás iniciações e continha quinhentos e quarenta compartimentos.

Como todos os outros, os Mystérios Gothicos tinham muita infinidade com o Mytho — Mystério, differindo apenas em pequenos detalhes. O Mytho Gothico resume-se no seguinte :

Balder, que todos criam invulneravel, offereceu-se, na reunião geral dos deuses, para servir de alvo, afim de que elles désem provas de sua destreza, lançando-lhe dardos. Odin e Fréa impuzeram a todas as cousas da natureza que respeitassem Balder; esqueceram porém da herva de passarinho (1) a quem

(1) E' a *Viscum Album* da Familia das *Boran'haceas* Corresponde ao "mistletoe" dos inglezes; ao "muerdago" dos hespanhões e ao "Gui" dos francezes. Na Inglaterra, devido ao clima, só existe uma especie. Na Hespanha e na França devem existir duas a tres especies.

No Brasil existe uma imensidade de especies. Não podemos, no momento, dizer a qual das especies brasileiras correspondem as especies existentes naquelles paizes. (Nota da "Astréa").

não ligaram importancia devido á sua fragilidade e insignificancia. Loki, entretanto, tendo sabido da excepção, collocou uma haste de "herva de passarinho" na mão de Hoder, que era cego, incitando-o a que a lançasse sobre Balder. Este, attingido pela fragil haste, cahiu ao chão, ferido de morte. O cadaver de Balder foi collocado num barco que lançaram n'agua, enquanto os deuses lamentavam sua morte.

« A lenda de Balder e Loki » — diz o Dr. Oliver — « com as lamentações dos Deuses pela morte de Balder, assemelha-se tanto ás de Osiris e Typhon, Baccho e os Titans, Rama, Iswara etc., que não tenho a mais pequena duvida sobre sua origem commun ». (*Obra citada, pag. 174, nota 34.*)

Seria inutil explicar estas iniciações, com mais detalhes. Basta saber que, quando o Candidato era julgado devidamente preparado por jejuns, procissões e ceremonias de sacrificio, conduziam-no, com os pés descalços, á sala sagrada e dalli á tumba da prophetisa Volua, onde tinha logar a celebração do rito de invocação. Para attingir a esta tumba, o Candidato passava por caminhos sinuosos e escarpados, povoados de fantasmas e de animaes ferózes, onde escutava as lamentações feitas pela morte do deos Balder. Depois disto, encerravam-no no Pastos ou tumulo, sob a vigilancia do Heimdal, o guardião dos Deuses. Uma vez sahido do tumulo e posto em liberdade, o Candidato recebia instrucção para procurar o cadaver de Balder e levantá-lo dentre os mortos.

Antes de partir para esta perigosa expedição, o Candidato era encommendado aos Deus e deixava-se conduzir, em seguida, pelô guia, através de nove corredores subterraneos, nos quaes soffria terriveis provas.

Ao terminar sua peregrinação, elle entrava num atrio illuminado, onde se encontrava Balder sentado num throno elevado. Sua entrada neste recinto era saudada com exclamações de alegria, por ter resuscitado o Deus. Em seguida prestava o Candidato seu juramento solemne, feito sobre uma espada nua, symbolo do Deus supremo.

Em todas a ceremonias, o Candidato fazia o papel de Balder, isto é, suas provas e experiencias eram as mesmas de Balder que, como iniciado perfeito, symbolisava a alma excelsa da evolução humana e o Aspirante, ao chegar ao termino da

sua iniciação, attingia simbolicamente o estado de Balder.

MYSTERIOS GREGOS

Deve-se a Orpheo a introdução dos Mystérios na Grecia quando, á frente de uma emigração aryana, dirigio-se da Asia á Europa. A tradição orphica soffreu diversos contratempos.

Nos tempos de Homero, cahio no olvido, porque os povos eram por demais orgulhosos para ouvirem as *superstições* de seus antepassados; porém, com o despontar das ideas philosophicas, no seculo VII antes de Christo, os mythos religiosos primitivos foram de novo examinados e pesquisados, ficando demonstrado que a Grecia possuia tambem uma Tradição—Mysterio comparavel, se não superior, á dos demais paizes.

Não sabemos a época exacta em que foram fundados os Mystérios, porém, em compensação, sabemos os diversas nomes que tomaram: — eleusinos, bacchicos, dionysiacos e samothracios. Os de Eleusis foram os mais afamados, por constituirem o que se poderia denominar os Mystérios do Estado; dividiam-se em Menores e Maiores, sendo que estes ultimos serviam de inicio ao verdadeiro Mysterio do Caminho.

A séde dos Mystérios Menores era em Agra e a dos Maiores em Eleusis. Aquelles se referiam ao Hades ou mundo astral e estes ao mundo celeste ou mental. A veste (insignia) dos Mystérios Menores consistia em uma pelle de cordeiro e a dos Maiores num vellocino de ouro. Os Candidatos á iniciação eram divididos em duas classes: — a primeira, formada por aquelles que eram capazes apenas de receber instrucções sobre as cousas do mundo invisivel; a segunda, composta d'aquelles que estavam na altura de seguir um exercicio especial para desenvolver a clarividencia. Além disto, nesta ultima classe se ensinava a cosmologia, antropogenesis, etc.

Os mysterios de Eleusis eram celebrados com pompa faustosa durante nove dias. As iniciações tinham lugar em grandes cavernas subterraneas, providas de grande numero de compartimentos e de tumulos, nos quaes eram encerrados os candidatos, durante as ceremonias. Mandrill descreve com muito exactidão e detalhes alguns destes logares iniciaticos. Todos os templos possuiam sua caverna de iniciação. Em outros paizes, a iniciação era feita em pyramides, erigidas sobre cavernas subter-

raneas.

A primeira das ceremonias gregas era a purificação pela agua. O candidato era, em seguida, conduzido ao *hall* ou vestibulo, onde o revestiam com roupagens sagradas e, com o fim de experimentar seu valor, levavam-no a uma serie de cavernas, nas quaes soffria as mesmas provas dos outros Mystérios, que eram — a escuridão absoluta, o uivar dos cães, os relampagos e a apparição de monstros e de animaes ferózes. Estas provas terrificas duravam tres dias, findos os quaes, era elle encerrado numa camara de reflexões, a qual, segundo o Dr. Oliver, «symbolisava a morte, nos Mystérios». A sahida desta camara era o emblema da regeneração ou do renascimento e, por isso, denominam ao espirito rejuvenescido — o dos *dois* nascimentos ou *duas vezes* nascido — o primeiro dos quaes era o do cláustro materno e o segundo o do Pastos da Iniciação. (*Idem*, pag. 98).

Esta libertação era, entretanto, mais uma resurreição do que um renascimento, pois que o renascimento se refere mais propriamente ao corpo physico, emquanto que a resurreição se refere á consciencia ou ao plano mental.

Emquanto o candidato soffria a morte symbolica de Baccho, os iniciados representavam o Mytho. Vimos, anteriormente, que esta visão da paixão constituia a parte essencial do Mystério — Drama, no qual o neophyto experimentava a Grande Paixão, por si mesmo, e que era o requisito primordial para o conhecimento. Não sabemos em que consistia essa Paixão; porém quer nos parecer que representasse a morte do Mestre. Durante esta parte da representação do drama, ouviam-se grandes lamentações pela morte do Deus e Rhéa ia em busca de seus despojos á semelhança de Isis, no mytho egypcio.

Era bastante um signal do hierophante para que a dôr se transformasse em alegria, porque esse signal annunciava que o corpo do Deus tinha sido encontrado e que este havia resuscitado. Nesta occasião, se retirava o Candidato da camara das meditações e elle chegava, atravez de uma viagem de soffrimentos nas regiões infernaes, ás verdes campinas do Elyseo, onde as almas dos justos gozavam dos prazeres mais puros.

Nessa altura, o hierophante explicava ao candidato o objectivo dos Mystérios, instruindo-o nas sciencias occultas e conce-

dia-lhe a insignia da Ordem. Clemente diz, fallando sobre os Mystérios: «Depois das lustrações (banhos lustraes) vinham os mysterios menores, que constituíam a preparação para os Mystérios Maiores; nestes, nada ficava por aprender acerca do Universo, com excepção da contemplação e compreensão da natureza e das cousas». (Clemente, Stromata, livro V, Cap. XI)

Os Mystérios Bacchicos ou Dyonisianos converteram-se, com decorrer do tempo, em simples festividade e Baccho foi até adorado como Deus do vinho, em vez de ser venerado como manifestação do Logos. Os mysterios gregos e romanos decahiram quando o mesmo aconteceu a esses paizes e, por esse motivo, não se póde julgar-os pelas reliquias que deixaram, do mesmo modo que não se deve julgar a grandeza de Roma estudando o periodo de sua decadencia.

Além dos mysterios publicos, existiram na Grecia as escolas antigas de philosophia de Pythagoras e Platão, as quaes, ás vezes, tomaram a denominação de Mystérios privados ou philosophicos. Seus fundadores eram iniciados. Segundo se diz, Pythagoras foi iniciado nos Mystérios Egypcios, Chaldeos, Orphicos e Eleusinos. Estas escolas trabalhavam parallelamente aos ensinamentos dos Mystérios. E' um erro suppôr que Pythagoras e Platão tivessem fundado uma doutrina nova, por que sua philosophia nada mais era do que a propria sabedoria antiga, tão zelosamente conservada pelos hierophantes. O unico merito de Platão e de Pythagoras foi o de terem sabido revestir os ensinamentos occultos de roupagens adequadas á sua época. Nas escolas pythagoricas, os discipulos se dividiam em tres grãos ou classes; e todos os discipulos de Pythagoras tiveram fama de levar uma vida pura e elevada.

Existiram, tambem, na Grecia, certas comunidades, cujos membros tomavam a denominação de *orphicos*, porque viviam uma vida orphica, isto é, santa. Quando foi destruida a escola de Crotona, os pythagoricos se refugiaram nestas comunidades.

MYSTERIOS JUDAICOS

Os judeus tambem tiveram seus mysterios, como os demais povos; mas, apezar de encerrarem seus segredos em formulas Kabalisticas, conservadas apenas pela tradição oral, os ritos ju-

daicos não são tão perfeitos como os dos outros paizes. As doutrinas Kabalisticas judaicas nunca foram confiadas á escripta, até o primeiro seculo de nossa era

O Rabbi Eleasar, filho do Rabbi Simeão - ben - Jukai, compilou, numa obra intitlada *Zohar*, as doutrinas Kabalisticas transmittidas por seu pai, doutrinas cujos ensinamentos se haviam conservado desde a mais remota antiguidade. Este livro precioso, editado entre os annos 70 e 100 de nossa era, perdeu se, tendo-se encontrado apenas uma parte dos manuscriptos.

Segundo Munk, Moysés de Léon tornou a escrever o *Zohar* no seculo XIII, baseando a sua obra nos manuscriptos acima referidos, salvos da acção destruidora do tempo.

O *Sepher Jetzerah* (o Livro Judaico da Creação) é mencionado pelo primeira vez no seculo X, apesar de sua remota antiguidade. Nesses dois livros, o *Zohar* e o *Jetzerah*, foram inspiradas todas as demais obras Kabalisticas.

As obras Kabalisticas são, como se vê, relativamente modernas; suas doutrinas, porém, procedem dos judeus, chaldeus e egypcios. Moysés de Léon era *Iniciado* e tinha perfeito conhecimento não só da linguagem universal primitiva dos mysterios, como tambem do systema numerico em que elles se baseavam; entretanto, suas obras não são seguidas, porque os livros que se lhe attribuem não são os originaes, pelo que são postos em duvida, quanto á sua veracidade.

As doutrinas hebraicas, derivadas de Moysés, soffreram tambem, diversas vicissitudes e deturpações. E' provavel que os manuscriptos originaes setenham perdido e que fossem de novo escriptos, por diversas vezes, até a época de Esdras. Quando os judeus cahiram no captiveiro e foram conduzidos para Babylonia, as Escripturas judaicas foram destruidas. Esdras envidou todos os esforços para restaural-as, porem, desde então, soffreram muitos enxertos e innovações. Os Samaritanos não admittiam os livros canonicos judaicos, pois estavam convencidos que os talmudistas os haviam deturpado de tal modo, que não eram mais a expressão do original; mas os proprios Samaritanos possuiam, tambem, seus livros sagrados os quaes, segundo affirmavam, eram uma copia fiel do original de Moysés.

Os Judeus Negros, do sul da India, nada conhecem a respeito do captiveiro dos seus compatriotas, o que vem demonstrar

que emigraram antes do anno 600 da época pre-christã; elles tambem têm seu *Livro de Moysés*, mas este é completamente differente dos livros canonicos a que ha pouco nos referimos.

Os Judeus têm razão quando dizem que Moysés lhes deu suas *leis e cosmogonia*; porém os escriptos, em que ellas se conservavam, soffreram tantas alterações, que em nada ou quasi nada se parecem com os originaes. Attribuem-se algumas tradições e fragmentos á época de Esdras; mas é muito provavel que os principaes symbolos e allegorias uelles contidos, sejam derivados dos Chaldeos, do mesmo modo que as mais antigas allegorias se inspiraram nas dos egypcios.

A doutrina da Kabala é inspirada no ensinamento occulto universal. *Ain Sof* é o *Parabrahão* occidental e semita; entre o Absoluto (*Ain Sof*) e o Homem Celeste existe uma *Causa primaria*, impessoal. Diz o doutor Ginsburg:

« Para que se pudesse nos revelar, o *Occulto de tudo que é occulto* fez nascer de *si mesmo* as Dez Emanações (*Sephiroth*, plural de *Sephira*), denominadas a *Fôrma de Deus*, *Fôrma do Homem Celeste*.

Como, porém, esta visão era por demais deslumbrante para os nossos olhos, teve de ser velada com uma tunica a que se chamou universo. Por isso o universo ou mundo visivel é uma expressão ou manifestação exterior da *Essencia Divina*, que recebe, na Kabala, o nome de *Roupagem* ou *Véo de Deus*. Como se vê, a doutrina é a mesma adoptada pelo *Vishnu Purana* e por todas as escolas.

Não entra, porém, no nosso trabalho a exposição, embora succinta, das doutrinas dos *Mysterios*, de modo que vamos passar adiante.

A Kabala tem um valor extraordinario, porque esclarece o mysterio dos livros exotericos hebraicos, apezar mesmo de tão deturpada, que não podemos ter a certeza de que revele, de facto, os ensinamentos antigos.

Nos tempos primitivos, existio uma associação de prophetas em Nahioth, Bethel e Jerichó, a qual formou e fundou escolas de iniciados, onde se ensinavam *verbalmente* as doutrinas occultas. Nessas escolas cuidava-se tambem do desenvolvimento das faculdades *psychicas* e *espirituaes superiores*. Nos ultimos tempos, entretanto, foram os *Essenios*, *Terapeutas* e outras

communities que conservaram as doutrinas secretas judaicas.

OS ESSENIOS

As communities ou fraternidades essenas, que habitaram nas margens do Mar Morto, muitos seculos antes de Christo, tinham como caracteristica principal: — o amor a Deus, á virtude e ao genero humano; pregavam e praticavam uma vida commum de ascetismo, dedicando parte do dia a estudar a religião, isto é, os mysterios da natureza e sua revelação; conservavam no maior segredo seus ensinamentos e suas praticas e tinham relações muito intimas com o Kabalismo Chaldeo, dando enorme importancia, em seus mysterios, ao *Tetragramma* ou nome mystico de DEUS, cujo nome tinha, segundo elles, quatro letras.

Os essenos tinham tambem iniciações e grãos proprios, pelos quaes se constata grandes analogias com o Christianismo. Mead assignala os pontos de contacto entre o Essenismo e o Christianismo, da seguinte forma: «os convertidos deviam vender suas propriedades e entregar o producto aos pobres, porque a posse de thesouros era considerada antagonica e prejudicial á vida espiritual.

Os essenos tinham o maximo desprezo pelas riquezas materiaes e levavam uma vida de absoluta pobreza. O ideal esseno se resumia no amor da fraternidade e do proximo, o que provocava a admiração geral. Seus membros viviam juntos como se fossem de uma mesma familia; tudo o que possuiram era da commumidade; e tinham um administrador, escolhido por todos, para gerir os bens da fraternidade, a que chamavam a *bolsa commum*. Quando viajavam, alojavam-se em casa de Irmãos a quem nunca dantes haviam visto, o que não impedia que os recebessem e tratassem como amigos intimos de longa data. Esta era a razão pela qual *nada* levavam em suas viagens. Não havia hierarchia nem ascendencia entre elles, porque não reconheciam a autoridade de um Irmão sobre outro. Cultivavam fervorosamente a paz e se negavam a manejar ou fabricar armas de guerra. Não admittiam a escravidão. Em summa, seu ideal consistia em ser mansos e humildes de espirito, acabar com a luxuria e os demais peccados, odiar ao *mal* sem odiar ao *malfeitor*, compadecer-se de todos os homens e dizer sempre a ver-

dade. Dedicavam-se á cura quer dos corpos quer das almas e consideravam a aquisição desses poderes curativos como sua aspiração suprema. Em *synthesis*, os Essenios aspiravam á pureza absoluta, afim de se converterem, cada qual, em um *templo* do Espirito Santo e, como consequencia, tornarem-se videntes e prophetas. Destas communidades *internas*, de iniciados, dependiam outras *externas*, de discipulos, que se espalhavam pelo mundo». (*Mead, Fragments of a forgotten Faith*, pag. 134).

Os Therapeutas constituíam uma seita aparte, mas muito semelhante á Essenia, differindo unicamente desta, segundo a opinião de Philo, em que os Essenios se dedicavam á vida pratica, enquanto os Therapeutas aspiravam attingir aos planos superiores da vida contemplativa.

Seria muito interessante estudar detidamente as communidades dos Therapeutas, as quaes se assemelhavam tanto ás do primitivo christianismo, que os Padres da Igreja as reconheciam como christãs. Porém isso, além de necessitar de muito tempo, não está nos moldes deste trabalho. Philo descreve largamente, na sua «*Vida Contemplativa*», a vida desses «*Amantes da Sabedoria*» os quaes, sequiosos de bemeventurança, abandonavam o mundo exterior e se recolhiam a lugares solitarios e silenciosos, afim de dedicarem-se inteiramente ao estudo e á contemplação. No Egypto havia em cada provincia, um numero elevado dessas fraternidades, especialmente nas proximidades de Alexandria. Os mais adiantados faziam parte da colonia denominada *Mareotica*, que ficava situada numa columna na parte meridional de Alexandria. A comunidade tinha vivendas muito modestas, existindo, em cada uma, um pequeno compartimento ou cella, exclusivamente destinada á representação dos mysterios da vida santa.

Philo acreditava que os Therapeutas eram judeus; isso talvez seja verdade a respeito da comunidade *Mareotica*, da qual faz parte, como *leigo*, mas é muito provavel que nellas existissem tambem muitos elementos egypcios, orphicos e até Zoroastrianos. Havia, tambem, communidades *eclecticas*, isto é, que misturavam principios e tradições de escolas differentes.

OS PHARISEOS

Em geral, todos conhecem a parte *externa* do *Pharisais-*

mo, com seu meticuloso ceremonial e regras complicadas de piedade externa, porém ninguém, ou quasi ninguém está ao par de sua doutrina secreta. A esta seita, fundada em Babylonia, pertenceram os judeus mais cultos, apesar de suas doutrinas reflectirem directamente a influencia persa e chaldéa; porém com o decorrer do tempo, dividio-se em numerosas escolas, das quaes algumas, as mais severas, levaram uma vida de piedade interna, muito intensa. Seu objectivo principal era attingir á *santidade*, para poder prophetisar e conseguir effectuar curas milagrosas. Segundo Mead, os grãos de santidade praticados por esta seita eram os seguintes: «1.º — o estudo da lei e da circumspecção; 2.º — o noviciado, cuja investidura symbolisava a pureza; 3.º — a pureza externa, conseguida pela agua lustral do baptismo; 4.º — o celibato; 5.º — a pureza interna ou pureza de pensamento; 6.º — etapa ou plano superior, que não se define com clareza; 7.º — mansidão e santidade; 8.º — o temor e o horror ao peccado; 9.º — o plano supremo de santidade e 10.º — o estado de pureza *absoluta*, no qual o adepto conseguia curar os enfermos e resuscitar os mortos». (*Mead idem*, pag. 133).

As doutrinas destes *saneadores* physicos e espirituaes são completamente oppostas ás dos outros Pharisêos, que acreditavam nos sacrificios sangrentos do culto do Templo e na resurreição do corpo physico.

Como se vê, todas estas seitas ou escolas foram élos da cadeia transmissora da Sabedoria, ou Gnosis. O proprio Jesus não ensinou nada de novo, pois sua missão foi *esclarecer, illustrar* as tradições da Gnosis, desvendando publicamente, nas suas prédicas, alguns dos grãos intermediarios dos Mystérios. Portanto, tambem os judeus tiveram conhecimento das doutrinas secretas que se encontram sempre no fundo de todas as religiões populares.

E', pois, um erro crasso, palmar, admittir a idéa (infelizmente tão espalhada e enraizada) de que as religiões christã e judaica são as *unicas* puras, pois os estudos mais recentes de religiões comparadas demonstraram, de modo incontestavel, que é insustentavel a idéa de que «não existe senão uma religião sobrenatural, *unica verdadeira*, e que as demais são *falsas*» — Os documentos authenticos, sobre a historia religiosa, anteriores ao christianismo e ao judaismo, demonstram sobejamente que

DEUS não permittio que o mundo vagasse pelos negros e invios caminhos da idolatria, até que Jesus chegasse.

Não pôde haver, perante DEUS que é a ABSOLUTA JUSTIÇA, distincção de pessoas; portanto, *nenhuma* religião pôde pretender o monopolio da verdade — Todas as grandes religiões têm seu valor, perante a economia divina. Por esta razão, reconhecendo a Jesus como o Grande Iniciado e Mensageiro do mundo occidental, não podemos, nem devemos, sinceramente, esquecer os outros Mestres que DEUS enviou, como Mensageiros da Grande Loja, porque todos elles caminharam sob a influencia da Luz deslumbrante da *mesma* Sabedoria, por pertencerem á mesma Grande Fraternidade.

Não podemos, por exiguidade de tempo e, mesmo, não devemos entrar em detalhes sobre as ceremonias iniciaticas. Entretanto, o que ficou dito é mais do que sufficiente para que se veja claramente que *todos* os Mystérios da antiguidade procedem de uma *mesma* fonte, pois seus ensinamentos e doutrinas se assemelham extraordinariamente, para que esse facto seja tomado como fructo do *acaso*. E' por isso que todas as Iniciações, nos Mystérios, representavam um *Mytho* — *Mysterio* que, algumas vezes, era denominado Mytho do Sol, o qual symbolisava, nos seus movimentos diversos, a actividade do LOGOS, de um lado e, do outro, a vida do Iniciado. A denominação do heróe do Mytho, representante do Logos Solar ou do Iniciado Perfeito, variava, segundo cada paiz; assim é que, no Egypto, chamava-se Osiris — Horus; na Prusia, Ormuz — Mithra; na Grecia, Zeus — Hermes; em Roma, Jupiter — Ammon e na Scandinavia e na Britannia, Thor - Baldér.

Os Iniciados conheciam a significação occulta ou verdadeira desses mythos; pois, *litteralmente*, o Sol não nasce nem morre, nem tampouco resuscita. As narrações destes acontecimentos, ou as *lendas*, são allegorias que occultam verdades profundas. Em todas as religiões *populares*, confunde-se o symbolo com a cousa symbolisada e acaba-se por converter o heróe mystico com o proprio DEUS, como faziam os antigos, adorando o Sol, que é a mais gloriosa manifestação de DEUS, como se fôra o proprio DEUS. O Mytho é apenas uma allegoria da actividade do *Logos* no *Kosmos* e o symbolo dos diversos grãos da escala iniciatica, e, como em todos os ritos antigos, represen-

ta a vida mystica que deve levar cada Iniciado.

Todo o *Mestre Perfeito* se transforma num Christo, Hermes, Horus, etc., porque a Iniciação consiste em attingir o grão de Mestre. A theologia do povo é apenas uma tentativa fracassada de decifrar os symbolos e allegorias dos *Mysterios*.

(Continúa)

A infallibilidade do Papa

(Continuação)

O Papa Victor I, em 129, approvou o montanismo e, depois, o condemnou. Marcelino (296 a 303) era um idolatra. Penetrou no templo de Veste e queimou incenso á deusa. Justificareis que foi acto de fraqueza, mas eu contesto, porque um Vigario de Jesus Christo morre mas não se faz apostata.

Liborio, em 358, concordou na condemnação de Athanasio e, mais tarde, recuou para conseguir que fosse revogado o seu desterro e restituida a sua séde.

Honorio, em 625, adheriu ao monothelismo como, á evidencia, provou o Padre Graty.

Gregorio I (578 a 590) classifica de anti-christo a quem quer que se chamasse de Bispo Universal. Bonifacio III, porém, persuadiu o imperador parricida Phocas de conferir-lhe esse titulo.

Paschoal II (1038 a 1089) e Eugenio III (1145 a 1153) autorisaram os duelos, ao passo que Julio II (1509) e Pio IV (1560) os prohibiram.

Eugenio IV (1431) approvou o Concilio de Basiléa e a restituição do calix á Igreja de Bohemia e, no entanto, Pio II (1458) revogou essa disposição.

Adriano II (867) declarou ser valido o matrimonio civil, mas Pio VII (1800 a 1823) condemnou-o.

Sixto V (1585 a 1590) publicou uma edição da Biblia e, em Bulla, ordenou a sua leitura, que, para logo, Pio VII condemnou.

Clemente XIV (1700 a 1721) aboliu a Companhia de Jesus,

que, anteriormente, fôra permittida por Paulo III e que Pio VII, posteriormente, restabeleceu.

Mas para que descavar essas provas tão remotas? Não fez outra cousa o nosso Santo Padre, aqui presente, em sua Bulla estabelecendo regras para este Concilio, caso morresse antes de sua realisação, revogando tudo quanto, anteriormente, lhe fosse contrario, embora procedentes de decisões de seus antecessores? E, com certeza, si Pio IX fallou *ex-cathedra*, imporia, até do fundo de seu sepulchro, sua vontade aos soberanos da Igreja.

Jamais terminaria, Veneraveis Irmãos, si eu procurasse passar ante vós as contradicções dos Papas em seus ensinamentos. Assim, pois, si proclamardes a infalibilidade do actual Papa, ou tereis de provar que os Papas nunca se contradisseram, o que vos será impossivel, ou, então, que o Espirito Santo vos revelou que a infalibilidade do Papado data, unicamente, de 1870. Sereis tão ousados para tal fazerdes?

Os povos, talvez, estejam indifferentes e deixem passar questões theologicas que não entendem e cuja importancia não alcançam, mas, embora indifferentes para os principios, não o serão para os factos. Não vos enganeis, pois, si decretardes o dogma da infalibilidade papal, os protestantes, nossos adversarios, assaltarão a brecha com tanta bravura, maxime quando a Historia está a seu lado e nós unicamente teremos a oppôr-lhes a negação. Que lhes diremos, quando exhibam todos os Bispos de Roma desde os dias de Lucas até S. Santidade Pio IX?

Ah! si todos houvessem sido Pio IX, venceriamos em toda linha; desgraçadamente, porém, assim não é.

(Gritos: Silencio! Silencio; basta, basta!)

Não griteis, Monsenhores; ter medo da Historia é confessar-vos vencidos, mesmo que possais romper uma de suas paginas! Deixai-me fallar e eu serei tão breve, quanto possivel, neste magno assumpto.

O Papa Virgilio (538) comprou o Papado a Belisario, tenente do Imperador Justiano. E' verdade que comprou sob palavra e nunca pagou! E' esta uma acção canonica de cingir a thyara? O segundo Concilio de Calcedonia condemnou-o formalmente. Em um de seus canones se lê: «O Bispo que obte-

nha seu episcopado por dinheiro perdê-lo-á e será degradado».

O Papa Eugenio III (1148) seguiu o processo de Virgílio. S. Bernardo, estrella brilhante de seu tempo, respondeu ao Papa dizendo: «Podeis indicar-me, nesta grande cidade de Roma alguém que vos houvesse recebido como Papa sem antes ter recebido ouro ou prata?»

Será Papa, Veneráveis irmãos, aquelle que estabelece um trafico ás portas do templo do Espirito Santo? Terá algum direito de ensinar á Igreja a infallibilidade?

Conheceis muito bem a historia de Formoso para que eu lhe acrescente alguma cousa. Estevão VI fez exumar seu cadaver, revestido de vestes pontificias; mandou cortar-lhe os dedos com que dava a benção e, depois, mandou lançal-o ao Tibre, declarando que era um *perjuro* e *illegítimo*. O povo, então, aprisionou a Estevão, envenenou-o e garroteou-o. Logo após, Romano, successor de Estevão, e, depois, João X reabilitaram a memoria de Formoso.

Dir-me-eis, talvez, são fabulas e não historia. Fabulas? Ide, Monsenhores, á bibliotheca do Vaticano e lede Plotino, o historiador do Papado, e os annaes de Barenio (A. D. 897). São factos que, para a honra da Santa Sé, desejaríamos ignorar; quando, porém, se trata de definir um dogma que poderá provocar um grande schisma entre nós, o amor que temos á nossa Madre Igreja Catholica, Apostolica e Romana deverá impôr-nos silencio? Prosigo.

O erudicto Barenio, fallando da corte papal, disse (prestai attenção, Veneráveis Irmãos, a estas palavras): «Que parecia a Igreja Romana naquelles tempos? Que infamia! Sómente os poderosissimos cortezãos governavam em Roma. Eram os que davam, trocavam e tomavam bispados, e, tristissimo é lembrar, os falsos Papas faziam suas amantes subir ao throno de S. Pedro».

Retrucareis que esses eram falsos Papas, nunca verdadeiros. Admittamos; mas, neste caso, si, durante cento e cinquenta annos, a séde de Roma foi occupada por anti-papas, como podereis refazer a cadêa da successão papal? Poude, então, a Igreja viver seculo e meio sem chefe, acephala?

Notai bem que a maior parte delles se encontram na arvore

genealogica do papado e, precisamente, são estes os descriptos por Barenio, porque, até Genebrardo, o grande adulator dos Papas, atreveu-se a dizer, em suas chronicas (A. S. 905): «Este centenario foi infeliz por isso que, durante cincoenta annos, os Papas decahiram das virtudes de seus predecessores e se fizeram apostatas muito mais que apostolos».

Bem sei porque o illustre Barenio se envergonhava ao narrar os actos desses Bispos romanos. Fallando de João XII (981), filho natural do Papa Sergio e de Marezia, escreve, em seus annaes, estas palavras: «A Santa Igreja, isto é, a romana, foi vilmente ultrajada por um monstro; João XII (956), eleito Papa aos 18 annos, por influencia dos cortezaões, em nada foi melhor que seu antecessor».

Desagrada-me, Veneraveis Irmãos, ter de remexer tanta sujidade.

Callo-me sobre Alexandre IV, pae e amante de Lucrecia, viro as costas a João XXII (1316) que negou a immortalidade da alma e foi deposto pelo Concilio de Constança. Alguns de vós dirão que esse Concilio foi meramente privado. Si lhe negais toda auctoridade, deveis ter, como consequencia logica, que a escolha de Martinho V foi illegal. Onde, então, se vae buscar a successão papal? Podereis encontrar o fio?

Não me refiro aos schismas que têm deshonrado a Igreja. Nesses tempos desgraçados, a séde de Roma foi occupada por dois, e, muitas vezes, até por tres, competidores. Qual desses era o verdadeiro Papa?

Resumindo: repito que, si decretardes a infallibilidade do actual Bispo de Roma, deveis estabelecer a infallibilidade de todos os anteriores, sem exclusão de um só. Podereis assim proceder, quando a historia está provando, com clareza meridiana, que os Papas erraram em seus ensinamentos? Podereis assim proceder e sustentar que Papas avaros, incestuosos, homicidas e simoniacos foram Vigarios de Jesus Christo? Ah! Veneraveis Irmãos, manter tal enormidade seria traição a Christo, peor que a de Judas; seria . . .

(Gritos: Abaixo da tribuna! Basta! Fechai a bocca ao herege!

Estais gritando, Veneraveis Irmãos. Não seria, porém, mais digno pesar as minhas razões e as minhas palavras na balança do santuario?

Crede-me, a Historia não póde ser feita de novo; ahí está e permanecerá por toda a eternidade, protestando energicamente contra o dogma da infallibilidade papal. Podereis, unanimes, declaral-a; um voto, porém, faltará e este será o meu.

Os verdadeiros fieis, Monsenhores, têm os olhos fitos em nós, esperando algum remedio para os innumeraveis males que deshonram a Igreja. Desvanecereis suas esperanças? Qual será nossa responsabilidade perante Deus, si perdermos esta solemne occasião, que Elle nos offerece, para depurarmos a verdadeira fé? Abracemol-a, meus Irmãos, armemo-nos de animo santo, tenhamos um supremo e poderoso esforço; volvamos á doutrina dos Apostolos, por isso que fóra della não ha mais que erros, trevas e falsas tradicções; aproveitemos nossa razão e nossa intelligencia, tomando os Apostolos e os Prophetas por nossos unicos mestres nesta questão das questões: «Que se deve fazer para se ser salvo?»

Quando isso houvermos resolvido, iremos lançando os alicerces de nosso systema dogmatico.

Firmes e immoveis como um rochedo; constantes e incorruptiveis nas divinamente inspiradas Escripturas; cheios de confiança, iremos á face do mundo e, como o Apostolo S. Paulo em presença dos livres pensadores, «não reconheceremos a ninguem mais que Jesus Christo e a Cruz». Conquistaremos pela pratica do martyrio da cruz, assim como S. Paulo conquistou os sabios da Grecia e de Roma, e a Igreja Romana alcançará o seu glorioso 89!

(*Gritos clamorosos: Desça! Fóra o protestante! Fóra o calvinista! Traidor da Igreja!*)

Vossos gritos, Monsenhores, não me atemorizam. Si minhas palavras são calorosas, minha cabeça está serena. Não sou de Lutero, nem de Calvino, nem de Paulo, nem dos Apostolos, mas, sim de Christo.

(*Repetidos gritos: Anathema! Anathema! Anathema ao apostata!*)

Anathema, Monsenhores, anathema! Bem sabeis que não estais protestando contra mim, mas contra os santos Apostolos, sob cuja protecção eu desejaria que este Concilio collocasse a Igreja. Ah! Si, cobertos com suas mortalhas, sahissesem de seus

tumulos, fallariam de modo differente do meu? Que lhes direis, quando seus escriptos provam que o Papado se afastou do Evangelho do Filho de Deus que elles pregaram e confirmaram tão generosamente com seu sangue? Atrever-vos-ei em dizer-lhes: «Preferimos as doutrinas de nossos Papas, nossos Belarminos, nossos Ignacios de Loyola á vossa?»

Não, mil vezes não, a não ser que tenhais cerrado vossos ouvidos para não ouvirdes, coberto vossos olhos para não verdes e embotado vossa mente para não entenderdes. Ah! si o que reina lá em cima quizesse castigar-nos, fazendo cahir pesadamente sua mão sobre nós, como fez com Pharaó, não precisaria permittir que os soldados de Garibaldi nos expulsassem da cidade Eterna; bastaria deixar que façais de Pio IX um Deus, assim como se fez deusa a Bemaventurada Virgem.

Deitei-vos, deitei-vos, Veneraveis Irmãos, no odioso precipicio em que vos collocastes. Salvai a Igreja de naufragio que a ameaça, buscando nas Sagradas Escripturas unicamente a Fé que devemos crer e professar.

Digne-se Deus proteger-me!

NOMINATA

*Dos SSob.:. GGr.:. Insp.:. GGer.:. Membros Effectivos
ao Sob.:. Sup.:. Cons.:. para o Brasil, com as
respectivas antiguidades*

1—Dr. Mario Behring.....	1907
2—Antonio Joaquim Rebello.....	1909
3—Manoel Antonio de Moura Machado.....	1909
4—Capitão João Marinho da Cruz.....	1910
5—Dr. Manoel Gonçalves Pecego.....	1912
6—Capitão Antonio Maria Senand Belém.....	1914
7—Almirante Verissimo José da Costa.....	1914
8—Julio Augusto Moreira da Silva.....	1914
9—Manoel Francisco Gomes.....	1914
10—Dr. Amaro Arthur de Albuquerque.....	1921
11—Dr. Bernardino de Almeida Senna Campos.....	1922
12—Gen. Dr. Joaquim Moreira Sampaio.....	1923
13—Dr. Carlos Reis (S. Paulo).....	1926
14—Dr. Gaspar Antonio Vieira Guimarães (Amazonas) ..	1926
15—Dr. Mario Carneiro do Rego Mello (Pernambuco)....	1926
16—Coronel Apollinario Pinheiro Moreira (Pará).....	1927
17—Dr. José Mattoso Maia Forte.....	1927
18—Dr. Carlos de Castro Pacheco.....	1928
19—Dr. Hugo Martins Ferreira.....	1928
20—Comt. Esculapio Cesar de Paiva.....	1928
21—Almirante Arthur Thompson.....	1928
22—Dr. Alvaro de Figueiredo.....	1929
23—Augusto Simões (Parahyba).....	1929
24 a 33 — <i>vagos.</i>	

Membros do Sacro Collegio

1927 - 1932

Sob.: Gr.: Comm.:.....	Dr. Mario Behring
Lug.: Ten.: Comm.:.....	Dr. Bernardino de A. Senna Campos
Gr.: Secr.: do S.: I.:.....	Dr. Amaro Arthur de Albuquerque
Gr.: Chanc.:.....	Comt. Esculapio Cesar de Paiva
Gr.: Thes.: do S.: I.:.....	Gen. Dr. Joaquim Moreira Sampaio
Gr.: Min.: de Estado.....	Capitão João Marinho da Cruz
Gr.: Min.: das RR. EExt.....	Alm. Verissimo José da Costa
Gr.: Hosp.:.....	Manoel Antonio de Moura Machado
Gr.: Mest.: de CCer.:.....	Dr. Manoel Gonçalves Pecego
Gr.: Port. Est.:.....	Manoel Francisco Gomes
Gr.: Port.: Esp.:.....	Antonio Maria Senand Belém
Gr.: Cap.: das GG.:.....	Dr. Alvaro de Figueiredo
Gr.: Secr.: Adj.:.....	Dr. Hugo Martins Ferreira
Gr.: Thes.: Adj.:.....	Dr. Carlos de Castro Pacheco
Gr.: Mestr.: CCer.: Adj.:.....	Antonio Joaquim Rebello

Membros Emeritos

Alberto Gracie.....	1926
Nicolau Alotti.....	1930
Antonio Olavo de Lima Rodrigues.....	1930

Membros Emeritos de Honra

Dr. Alejandro Sorondo — Ex-Sob.: Gr.: Com.: para a Rep. Argentina
John H. Cowles—Sob.: Gr.: Comm.: da Jur.: Sul dos E. U. A.
Armand Anspach-Puissant—Sob.: Gr.: Comm.: para a Belgica.

